



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

CARLA PEREIRA DOS SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA: UMA
PROPOSTA METODOLÓGICA NO CHÃO DA ESCOLA
PARA OS EDUCANDOS DA EJA**

Salvador - BA
2018

CARLA PEREIRA DOS SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA: UMA
PROPOSTA METODOLÓGICA NO CHÃO DA ESCOLA
PARA OS EDUCANDOS DA EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Sandra Maria Marinho Siqueira.

Salvador-BA
2018

CARLA PEREIRA DOS SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA: UMA
PROPOSTA METODOLÓGICA NO CHÃO DA ESCOLA
PARA OS EDUCANDOS DA EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em ___/___/___

Banca Examinadora

Sandra Maria Marinho Siqueira -Orientadora _____
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Lícia Maria Freire Beltrão - Examinadora _____
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Eduardo Oliveira Miranda – Examinador _____
Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Estadual de Feira de Santana. (UEFS)

Dedico esse trabalho a Deus pelo dom da vida, o que seria de mim sem a fé que tenho nele, aos meus pais que são fonte de minha inspiração e amor constante, em especial à minha vó Edite Bastos (in memoriam), seu amor permanece em mim e reflete em força para realizar mais um sonho.

AGRADECIMENTOS

GRATIDÃO ao meu Criador em primeiro lugar, por conceder-me força e resignação para realizar mais um sonho. Durante toda a minha história de vida, entreguei os meus planos para os propósitos de Deus, sem o teu fiel amor e cuidado eu nada seria SENHOR!

Agradeço em especial a minha base de vida: MEUS PAIS. Raimundo Bastos dos Santos e Maria Tereza Pereira dos Santos, vocês são minhas inspirações! Representam para mim força, exemplo, fé e amor incondicional, obrigada por me educarem de forma tão especial e única. Compartilhar uma vida com vocês é fantástico e realizar esse sonho que é tão nosso é muito gratificante. Essa vitória é nossa e eu amo vocês!

Durante a caminhada acadêmica, fui presenteada com a aprovação de minha mãe no vestibular da UFBA para o curso de Pedagogia. Obrigada, mãe, por compartilhar comigo esse sonho, eu não poderia ter uma companheira melhor na Universidade.

Agradeço à minha amada e eterna avó Edite Bastos (in memoriam), por todo amor dedicado a mim. Te amo minha rainha!

À toda minha família Pereira e Bastos, pelas vibrações positivas, pelo incentivo, pelas orações de sempre.

A todos os meus amigos de verdade, pessoas que eu não irei nomear para não esquecer nenhum, mas que ocupam um lugar especial em minha vida, são aqueles que posso contar para rir e chorar. Alguns me acompanham desde a infância, outros a vida me presenteou por onde passei, sou grata ao carinho e incentivo de vocês.

Aos mestres que fizeram parte de minha formação na Educação Básica, em especial ao professor João Belmiro, por todas as suas propostas metodológicas incentivadoras e reflexivas que auxiliaram no meu desenvolvimento crítico enquanto sujeito.

À minha professora e orientadora Sandra Marinho, mulher que inspira força e resistência frente as lutas sociais, a sua história de vida é uma referência para mim. Obrigada por toda sabedoria, paciência e dedicação ao longo do curso e da pesquisa.

Aos meus mestres da UFBA, que foram base para minha formação acadêmica, agradeço os aprendizados compartilhados no chão da FACED e dos outros espaços que envolviam a educação da Universidade. Em especial agradeço ao professor Eduardo Miranda e Júlio Neves e as professoras: Lúcia Maria Rocha, Liane Castro, Marize Carvalho, Lícia Beltrão, Rejane Alves, Lanara Guimarães, Vanessa Sievers, Karina Menezes e Marlene Oliveira. Vocês abrilhantaram o curso!

Aos colegas e amigos da Universidade, pelos aprendizados compartilhados e pela parceria. Obrigada!

A toda comunidade acadêmica da UFBA, pela dedicação e desempenho de suas atividades em prol de uma Educação de qualidade. Sem a vida de cada um de vocês, seria impossível realizar esse sonho. Obrigada!

Agradeço aos anjos de luz (Adriana, Zuleide, Roberta, Danunzia, Cristianna, Cintia e Karina, das quais tive a oportunidade de conhecer e conviver através da Educação, elas abrilhantaram a minha história de vida dividindo momentos de aprendizagem e preenchem um espaço especial no meu coração.

As instituições de ensino em que compartilhei experiências como educadora e das quais me possibilitaram aprender tanto por todos esses anos. Obrigada!

Gratidão ao acolhimento que recebi de todos os educandos que encontrei durante todos esses anos nos estágios, no ambiente de trabalho e todos os estudantes da EJA que contribuíram significativamente para realização dessa pesquisa. Esses sujeitos possibilitaram-me conhecer suas singularidades e através delas refletir acerca da arte do educar para o mundo.

A caminhada pela Educação não finda com a conclusão do curso, ela é movida através das atualizações, novidades, desafios e a partir deles sempre recomeçamos! O ano finda-se, a rotina escolar reinventa-se, a vida continua nos cobrando, nos testando, nos desafiando, não permanecemos engessados, estamos em contínuo processo de mudança. Educar é um desafio constante.

Eis-me aqui para vestir a camisa de uma Educação que promova liberdade! Obrigada a todos que acreditaram em mim! Essa vitória é nossa!

E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais. (FREIRE, 2018, p. 128).

SANTOS, Carla Pereira dos. **A importância das histórias de vida: uma proposta metodológica no chão da escola para os educandos da EJA.** 116f. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2018.

RESUMO

O presente trabalho buscou refletir acerca de como as propostas metodológicas para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos vêm desenvolvendo-se no chão da sala de aula. O estudo foi realizado através da pesquisa de campo, numa escola pública da cidade de Salvador- BA. A motivação para pesquisa surgiu da questão: como a história de vida desses sujeitos está sendo contemplada nas propostas metodológicas em sala de aula? O objetivo desse estudo é analisar a importância das histórias de vida na EJA como uma proposta metodológica. E os objetivos específicos para essa pesquisa são: conhecer o perfil dos discentes da EJA, analisar criticamente se as propostas metodológicas dialogam com as histórias de vida desses sujeitos e se atendem as especificidades do público da EJA, além de compreender através do perfil dos educandos a importância que as suas histórias têm no processo de ensino e aprendizagem em prol do reconhecimento desses sujeitos. A pesquisa é dividida em quatro capítulos: o primeiro traz a reflexão de algumas correntes históricas do que é ser sujeito na sociedade, dessa forma o estudo seguirá a partir da compreensão de quem são os sujeitos da EJA e quais são as suas histórias de vida. O segundo capítulo aborda o estudo desse método investigativo que é a história de vida, abarcando como esse método surgiu, focando o entendimento acerca da contribuição que essas histórias têm para o processo de ensino aprendizagem e se as mesmas evidenciam as singularidades dos sujeitos em suas propostas metodológicas. O terceiro capítulo irá retratar sobre a caracterização do espaço escolar onde a pesquisa foi realizada. O último capítulo abordará os caminhos para a pesquisa, seguido da análise das entrevistas que foram realizadas com os sujeitos da EJA na escola observada e ao final uma apreciação crítica e reflexiva do memorial formativo de minha mãe, educanda egressa da EJA. Nessa pesquisa o método utilizado tem natureza qualitativa enriquecido pela coleta de dados, efetuada por meio de observações e de uma entrevista com os discentes, além da utilização de uma pesquisa bibliográfica que traz a contribuição dos autores acerca da importância dessas histórias de vida nas propostas metodológicas para os educandos da EJA. Como principais referenciais teóricos foram utilizados os autores: Freire (1987), Ferrazza (2017), Antonello (2017), Bueno (2006), Haddad (2000), Pierro (2000), Arroyo (2004 e 2005), Souza (2004). Através dessa pesquisa foi possível compreender que o compromisso educativo com os sujeitos da EJA deve ser refletido constantemente pelos educadores, a fim de promover uma educação libertadora e de qualidade.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. História de vida. Proposta Metodológica. Ensino aprendizagem.

SANTOS, Carla Pereira dos. **The importance of life stories: a methodological proposal on the school floor for EJA students.** 116 pp. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2018.

ABSTRACT

The present work sought to reflect on how the methodological proposals for the modality of Youth and Adult Education have been developed on the floor of the classroom. The study was conducted through field research, at a public school in the city of Salvador, Bahia. The motivation for research emerged from the question: how are the life history of these subjects being contemplated in the methodological proposals in the classroom? The objective of this study is to analyze the importance of life histories in the EJA as a methodological proposal. And the specific objectives for this research are: to know the profile of the students of the EJA, to analyze critically if the methodological proposals dialogue with the life histories of these subjects and if they attend to the specificities of the public of the EJA, besides understanding through the profile of the students importance that their stories have on the teaching and learning process for the recognition of these subjects. The research is divided into four chapters: the first brings the reflection of some historical currents of what is to be subject in society, so the study will follow from the understanding of who are the subjects of the EJA and what are their life stories. The second chapter deals with the study of this investigative method that is the life history, covering how this method arose, focusing the understanding about the contribution that these stories have to the process of teaching learning and if they show the singularities of the subjects in their proposals methods. The third chapter will portray the characterization of the school space where the research was carried out. The final chapter will address the research paths, followed by the analysis of the interviews that were carried out with the subjects of the EJA in the observed school and at the end a critical and reflexive appreciation of the formative memorial of my mother, educadora graduated from the EJA. In this research the method used has a qualitative nature enriched by data collection, carried out by means of observations and an interview with the students, besides the use of a bibliographical research that brings the authors contribution on the importance of these life histories in the methodological proposals for the students of the EJA. The main theoretical references were: Freire (1987), Ferrazza (2017), Antonello (2017), Bueno (2006), Haddad (2000), Pierro (2000), Arroyo . Through this research it was possible to understand that the educational commitment with the subjects of the EJA must be constantly reflected by the educators in order to promote a liberating and quality education.

Keywords: Youth and Adult Education. Life's history. Methodological Proposal. Teaching learning.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------------|--|
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| Encceja | Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos |
| FACED | Faculdade de Educação |
| FNDE | Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação |
| IDEB | Índice de Desenvolvimento da Educação Básica |
| IFLA | Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias |
| INEP | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira |
| LDBEN | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| MEC | Ministério da Educação |
| PNAE | Programa Nacional de Alimentação Escolar |
| SMED | Secretária Municipal de Salvador |
| TAP | Tempo de Aprendizagem |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | TECENDO CAMINHOS PARA REFLEXÃO DE ALGUMAS CORRENTES HISTÓRICAS DO QUE É SER SUJEITO NA SOCIEDADE | 19 |
| 2.1 | QUEM SÃO OS SUJEITOS DA EJA E QUAIS SÃO AS SUAS HISTÓRIAS DE VIDAS..... | 26 |
| 3 | AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS SUJEITOS DA EJA COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO | 41 |
| 3.1 | A HISTÓRIA DE VIDA COMO UM MÉTODO E SUA RELEVÂNCIA NAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS NA MODALIDADE EJA..... | 41 |
| 4 | O ESPAÇO DA PESQUISA EM SEU CONTEXTO | 47 |
| 4.1 | AMBIENTE INSTITUCIONAL: CARACTERIZAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR E SEUS ESPAÇOS..... | 47 |
| 5 | SONHOS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: COMO AS HISTÓRIAS DE VIDA CONTRIBUEM EM SALA DE AULA | 62 |
| 5.1 | OS CAMINHOS DA PESQUISA..... | 62 |
| 5.2 | A ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E DAS ENTREVISTAS: UM OLHAR SOBRE A SINGULARIDADE DOS SUJEITOS DA PESQUISA..... | 69 |
| 5.3 | APRECIÇÃO DE UM MEMORIAL: UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DE VIDA DE MINHA MÃE DA INFÂNCIA ATÉ A UNIVERSIDADE..... | 87 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 103 |
| | REFERÊNCIAS | 109 |
| | APÊNDICE A: MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA | 113 |
| | APÊNDICE B: MODELO DO TCLE UTILIZADO NA PESQUISA | 114 |

1 INTRODUÇÃO

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar. (FREIRE, 2018, p. 253).

A pesquisa ora textualizada abordou a temática da Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de ensino que está organizada nacionalmente na história da educação brasileira e compreende a Educação Básica.

O público da EJA é composto por adolescentes, jovens, adultos e idosos que não tiveram oportunidade, por algum motivo, para iniciar ou concluir a educação regular na idade própria como define a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9.394/96. Atualmente, este conceito, definido pela LDBEN, é contestado em virtude da realidade que constitui o cenário escolar, no qual apresenta um índice elevado de repetência nas séries iniciais. Muitos estudantes que frequentam a escola em idade própria ficam em distorção de idade e série e são acometidos a exclusão nos mais diversos contextos escolares, sendo futuros educandos da EJA.

A Educação de Jovens e Adultos, de acordo com a atual Constituição Brasileira de 1988, tornou-se um direito garantido por lei, o qual é de responsabilidade do Estado a garantia de uma educação pública de qualidade, com base nos interesses do processo de formação humana, de forma obrigatória e gratuita.

A pesquisa, intitulada “A importância das histórias de vida: uma proposta metodológica no chão da escola para os educandos da EJA”, busca reflexões acerca da relevância que essa modalidade de ensino expressa.

Um sujeito nunca será igual ao outro, diante disso, uma sala de aula e uma comunidade escolar refletem relações e necessidades distintas. Desta forma, devem-se planejar práticas que contemplem verdadeiramente esses sujeitos. Assim, fica claro que a EJA possui especificidades, pois os sujeitos carregam de maneira singular suas experiências históricas que, por sua vez, devem ganhar maior visibilidade

considerando a importância e valorizando os conhecimentos trazidos pelos educandos.

A pesquisa surgiu a partir das inquietações a respeito das propostas pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos, que não contemplam esses sujeitos, demandando assim, um olhar mais crítico para o processo educativo desse público.

Diante disso, surgiu a questão: como a história de vida desses sujeitos está sendo contemplada nas propostas metodológicas em sala de aula? Dessa forma, a busca é elucidar o compromisso a partir do que é trazido pelos educandos, transformando o processo educativo em uma prática libertadora e mais significativa.

Considerando a relevância da temática e com o intuito de refletir sobre tal problemática, essa pesquisa objetiva, de forma geral, analisar a importância das histórias de vida na Educação de Jovens e Adultos como uma proposta metodológica, partindo da realidade de uma Escola Municipal, localizada em um bairro periférico da cidade de Salvador, no estado da Bahia, no ano de 2018.

Como objetivos específicos, foram delineados: conhecer o perfil dos discentes da Educação de Jovens e Adultos; analisar criticamente se as propostas metodológicas dialogam com as histórias de vida dos sujeitos e se atendem as especificidades da EJA; compreender, através do perfil dos educandos, a importância de suas histórias de vida para o processo de aprendizagem, em prol do reconhecimento e valorização desses sujeitos.

O presente trabalho trata de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e de pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica consiste em aproximar o pesquisador dos estudos elaborados por outros pesquisadores, em tempos diferentes. Já a pesquisa de campo traz um aprofundamento de uma realidade específica, é uma metodologia científica que recorre ao processo de observação, análise, interpretação e coleta de dados, fatos e fenômenos que acontecem em espaços diversos, de acordo com cada pesquisa e seu objeto de estudo.

Durante a observação o pesquisador conhece a realidade com o contato mais direto e produz informações a partir dessa realidade. Como conceitua Boni e Quaresma (2005, p. 71) a observação é uma técnica: “denominada de observação assistemática, onde o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais [...]”.

Para a pesquisa de campo foi utilizado o instrumento entrevista semi-estruturada para coleta de dados, que conta com um questionário que possui perguntas direcionadas, das quais podem ser flexíveis de acordo com a necessidade da entrevista. A entrevista foi realizada para compreensão de quem são esses jovens, adultos e idosos que frequentam a EJA e através dela foi possível identificar se as propostas metodológicas estão contemplando a história de vida dos sujeitos da EJA. Dessa forma, esse instrumento de pesquisa auxilia na comprovação e formalização acerca da problemática estudada. Para além da entrevista semi-estruturada, existe um tipo de entrevista utilizada nas Ciências Sociais, a qual foi utilizada no presente trabalho, diante disso reflete-se a partir das contribuições de Boni e Quaresma que definem a entrevista com relação à história de vida:

Essa permite que o informante retome sua vivência de forma retrospectiva. Muitas vezes durante a entrevista acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confiança. Esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva, a partir da visão individual. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 73).

O encaminhamento da pesquisa científica realizou-se com a coleta de dados, a sistematização e análise das memórias em que encontrei as histórias de vida desses sujeitos.

Para essa pesquisa utilizei uma forma de registro, a saber: Diário de Campo, que contou com as anotações diárias das demandas e episódios vivenciados no espaço escolar, além do formulário de entrevistas com os discentes da Educação de Jovens e Adultos.

A decisão em relação ao tema estudado surgiu da minha relação direta enquanto estudante de Pedagogia e enquanto filha, pois tenho como fonte de inspiração a minha mãe, que foi uma companheira na Universidade dividindo comigo as experiências vividas no curso de Pedagogia. Um grande exemplo de dedicação, uma mulher que sempre buscou, através dos estudos, a realização de seus sonhos e que desabrochou no campo da educação, em breve educadora e fruto da Educação de Jovens e Adultos. Como egressa da EJA, ela nunca escondeu como deu continuidade aos estudos, a sua trajetória sempre foi motivo de orgulho. Mesmo com todas as dificuldades, ela nunca desistiu de seus sonhos e foi presenteada com muitas conquistas, uma delas foi o ingresso em uma Universidade Pública Federal.

Durante as aulas no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia, especificamente no componente curricular, EDC291 Educação de Jovens e Adultos, fui apresentada de um outro lugar a EJA, pois como filha de uma estudante dessa modalidade de ensino, já tinha contato com algumas realidades vividas. Quando minha mãe estudava nessa modalidade de ensino, eu até a auxiliava em alguns trabalhos escolares, muitas vezes fui até a escola que ela frequentava e tive a oportunidade de viver um pouco de sua história educacional juntamente com seus colegas. O contato com o público da EJA foi iniciado antes mesmo de minha escolha profissional, essa modalidade de ensino faz parte também de minha história de vida. Naquela época, não fazia ideia que seria presenteada, ingressando em um curso de Pedagogia e que dividiria essa experiência ao lado de minha mãe.

Durante as aulas na Universidade, houve uma inquietação que despertou o interesse no estudo mais aprofundado da metodologia que estava sendo utilizada nas salas de aula com esses sujeitos, justamente por lembrar de alguns momentos em que minha mãe, como estudante da EJA, não vivenciava práticas educativas de valorização de sua história de vida. Porém, naquele período, já existiam alguns professores que atuavam em sala de aula com processos metodológicos que validavam as experiências desses sujeitos.

Por meio dos textos e discussões no curso de Pedagogia, os autores retratavam a dificuldade, ainda latente, sobre a falta de reconhecimento da singularidade dos sujeitos dessa modalidade. Esses pontos questionados pelos autores: Arroyo (2004; 2005), Pierro (2000), Haddad (2000), causaram-me uma forte inquietação em virtude de como estão sendo pensadas as propostas metodológicas de ensino para a EJA.

Neste sentido, a pesquisa contribui para minha formação enquanto acadêmica, a fim de tornar-me uma profissional pesquisadora crítica diante da temática que será abordada, buscando compreender como essas propostas metodológicas está sendo apresentadas em sala de aula. Uma pesquisa que contribui, também, com o campo da Ciência da Educação na produção de informações científicas reverberando na melhoria dessa modalidade de ensino e da Educação como um todo, visto que o ciclo de aprendizagem se inicia na infância.

Para o estudo, foi utilizada a pesquisa qualitativa com cunho bibliográfico, a abordagem teórica da pesquisa foi apoiada a partir dos estudos, com os principais autores, Freire (1987), Ferrazza (2017), Antonello (2017), Bueno (2006), Haddad (2000), Pierro (2000), Arroyo (2004; 2005) e Souza (2004).

Os objetivos propostos e apresentados anteriormente a presente pesquisa está dividida em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, encontra-se um estudo reflexivo acerca da compreensão de algumas correntes históricas do que é ser sujeito na sociedade, para que dessa forma possa somar a compreensão sobre o sujeito da EJA e suas singularidades na história. O primeiro capítulo segue com contribuições de estudo que traz a compreensão reflexiva- crítica de quem são esses sujeitos da Educação de Jovens e Adultos e quais são as suas histórias de vida.

O segundo capítulo discorre acerca de como as histórias de vida dos sujeitos da EJA contribuem como método de investigação, um estudo sobre a origem desse método, seguido da relevância que as histórias de vida dos sujeitos da EJA têm para as

propostas metodológicas no contexto educacional, elucidando suas contribuições nesse processo de ensino aprendizagem.

No terceiro capítulo, abordou-se acerca do espaço onde a pesquisa aconteceu, dessa forma elencamos a caracterização da realidade institucional e dos espaços nela dispostos, a partir dessa caracterização, encontram-se informações descritivas com reflexões críticas acerca da rotina da instituição, seus espaços e recursos.

Na apreciação crítica reflexiva do quarto capítulo, abordou-se como as histórias de vidas dos sujeitos da EJA contribuem no contexto escolar, além de discorrer sobre os caminhos para realização da pesquisa na instituição observada. No quarto capítulo foi abordada a análise dos depoimentos coletados durante as entrevistas que foram realizadas na escola municipal observada, essa análise, apresenta-se a relevância que as histórias de vida desses sujeitos trazem para o processo de aprendizagem. No capítulo supracitado apontou uma reflexão histórica realizada pela pesquisadora acerca da apreciação do memorial que retrata a história de vida de sua mãe, uma educanda egressa da EJA, esse memorial envolve uma história movida de sonhos da infância até chegar à UFBA.

Para finalizar a pesquisa intitulada “A importância das histórias de vida: uma proposta metodológica no chão da escola para os educandos da EJA”, reflete-se nas considerações finais acerca da problemática levantada inicialmente, refere-se aos objetivos elencados, bem como a apresentação dos resultados da pesquisa a partir da observação, coleta de dados feita na instituição e da apreciação crítica-reflexiva do memorial formativo de minha mãe.

Pretende-se com a contribuição desse estudo a reflexão e a recomendação para práticas que estejam apoiadas na construção de uma educação libertadora, que respeite a singularidade do sujeito e inclua-o como sujeito que tem voz e vez.

Ao final do estudo, apresentam-se as referências bibliográficas utilizadas para a pesquisa e os apêndices A e B, com um modelo de questionário para entrevista e o termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa de campo.

2 TECENDO CAMINHOS PARA REFLEXÃO DE ALGUMAS CORRENTES HISTÓRICAS DO QUE É SER SUJEITO NA SOCIEDADE

Como sujeitos, os indivíduos são afetados, de diferentes modos, pelas muitas formas de produção nas quais eles participam- também de diferentes maneiras; ou seja, os sujeitos são profundamente afetados por signos e sentidos produzidos nas (e nas histórias das) relações com os outros. (SMOLKA, 2000, p. 31).

Partindo do estudo no campo teórico, para compreender acerca de algumas correntes históricas do que é ser sujeito na sociedade, será elucidado que esse é um conceito envolto de inúmeros ideais, não existindo assim um conceito unânime, ele está historicamente marcado por mudanças desde os primeiros filósofos até a contemporaneidade.

Diante da relevância dessa abordagem, durante a pesquisa foi realizada uma seleção de algumas correntes: teocentrismo, antropocentrismo, pós-estruturalistas, reformadores, pensamento cartesiano, pós-modernidade e o marxismo que contribuem para o entendimento acerca da evolução sobre os conceitos do que venha a ser sujeito para esses pensadores, que se inscrevem nesses campos referidos.

Com o olhar aguçado acerca da compreensão da concepção de sujeito, debruçei-me sobre os porquês que permeiam o caminho educacional, que são carregados de singularidade e que devem estar presentes nas práticas metodológicas da educação.

Portanto, irei iniciar o estudo com a contribuição de Dias et al. (2011) sobre o conceito de ser sujeito para ele, o ser humano será o centro da ação social, nessa concepção o ser é provido de razão e para se tornar-se sujeito, ele irá agir de forma livre e autônoma para conduzir a sua vida social. Além do autor referenciado anteriormente, Dias *et al.* (2011), existem outros pensadores que abordam o conceito de que para se tornar sujeito, é necessário que o sujeito tenha desejo em criar sua própria história, diante disso, o sujeito se revoluciona em oposição à sociedade e ao mercado.

De acordo com os pós-estruturalistas, o termo sujeito é uma invenção do Ocidente, visto que não existe sujeito separado da história, linguagem, cultura e dos vínculos de

poder. Tornando-se um sujeito que é parte integrante do contexto sociocultural, que não deverá ser visto como um ser abstrato.

Existem abordagens teóricas que evidenciam o deslocamento dos sujeitos na pós-modernidade. Dessa maneira, eles não possuíam apenas uma identidade, ao longo do tempo e de sua história, eles atribuem em sua vida várias identidades, partindo assim da diversidade em que estão inseridos socialmente como gênero, raça, religião, classe, entre outras. Segundo Dias, citando as contribuições de Hall:

Diante do ponto de vista dos Estudos Culturais a compreensão do que é ser sujeito é um termo que vem do período renascentista, tempo em que foi elaborado os pressupostos científicos cartesianos, assim como foram reformados e reestruturados por religiosos os pressupostos teológicos. (HALL, 1997 *apud* DIAS, 2011, p. 52).

Em ambos os casos, surgia um novo tipo de ser humano, que não era subalterno as imposições da sociedade. O sujeito cartesiano foi contemplado sobre o conceito ontológico, eram seres humanos voltados às suas ações sociais, tomavam decisões, conforme a sua convicção, com condutas envoltas de autonomia e criticidade e com essas práticas eles expressavam suas convicções diante da sociedade moderna.

Os reformadores do século XVI tinham o sujeito como indivíduos providos de condições intelectuais necessárias para o acesso a religiosidade sem o controle da instituição religiosa. Das quais iriam fazer leituras, interpretações de textos de cunho religioso sem a mediação da igreja.

É importante evidenciar, que a constituição dos tipos de sujeitos acima citados, baseava-se nos princípios educativos da instituição escolar. Nesse local era praticado o desenvolvimento da reflexão e criticidade, da razão e de ações livres da sociedade moderna.

O pensamento reformista e cartesiano marcou um tempo histórico, no qual o ser destaca a relevância do homem como um ser provido de inteligência, do qual podia

ser uma figura central para realizar suas ações no mundo. Contrapondo assim o teocentrismo, que foi um período anterior, em que Deus era o centro do mundo.

No período da Idade Média, permeou os mesmos ideais, o ser humano ficou sobre o olhar do povo que morava na corte e a igreja, dessa maneira, passava a controlar os vínculos do povo com o sagrado. Nesse tempo o ser humano não tinha liberdade para alicerçar seus ideais para além do olhar da igreja, já não tinha mais individualidade.

Houve grandes mudanças no século XV, que proporcionou a visão acerca do indivíduo de um modo diferente, que possibilitou aos seres humanos a viver e relacionar-se com a sociedade em sua volta. Isso se deu com a formação dos Estados Nacionais, as grandes navegações e a “descoberta” do Novo Mundo, a Reforma Protestante e o Humanismo Renascentista.

As abordagens estruturalistas indagam a pressuposta liberdade e autonomia dos seres humanos, talvez se caracterize melhor como uma falsa liberdade na história desse indivíduo. A estrutura da sociedade é o quadro que determina a atividade do indivíduo, chegando, muitas vezes a concepções deterministas do sujeito e das ações humanas.

Muito diferente é a concepção marxista de sujeito e de sua importância na construção da história. Para Marx e para os marxistas, o indivíduo tem como essência o conjunto das relações sociais. O indivíduo, portanto, é condicionado pelo desenvolvimento histórico-social e não pode ser compreendido plenamente a não ser dentro do contexto histórico em que nasceu, viveu e atuou. Suas ideias, suas perspectivas, seus comportamentos devem ser contextualizados historicamente e compreendidos dentro dessa dinâmica social.

A concepção Marxista da natureza do homem não se baseia somente nas características acreditadas por sociólogos e psicólogos, dessa maneira, segundo Fromm (1962, p. 34), o homem não é “como uma folha em branco, em que a cultura escreve seu texto, esse homem é uma entidade identificável que possui

características biológicas, anatômicas, fisiológicas, mas também as características psicológicas”.

Portanto, esse tem a capacidade, de transformar-se na sociedade em que vive e incentivar, através de seus feitos, transformações não somente para si, como para o mundo em sua volta. Ainda de acordo com o mesmo (1962, p. 38) para o pensamento de Marx, as características do homem auxiliam nas transformações quando: “o homem é movido através da sua característica que é o “princípio do movimento”, em que o homem esforçasse para realizar o seu objetivo, através do seu próprio trabalho”.

Acerca do trabalho, Fromm coloca que

o trabalho é a expressão própria do homem, uma expressão das suas capacidades físicas e mentais. Nesse processo de atividade genuína, o homem desenvolve-se a si mesmo, torna-se ele próprio; o trabalho não é só um meio para um fim - o produto – mas um fim em si mesmo, a expressão significativa da energia humana; por isso, pode-se gostar do trabalho. (FROMM, 1962, p. 48).

É através de seu trabalho que o homem se diferencia dos outros seres vivos, transformando, dessa maneira, os espaços que eles ocupam, o movimento que esses sujeitos fazem devem proporcionar a transformação da natureza e a criação das condições materiais (socioeconômicas) necessárias à vida em sociedade. É através do trabalho que o homem se diferencia da natureza, não deixando de ser a própria, mas tornando-se homem. A definição de homem para Marx se baseia na realidade concreta da vida humana em sociedade e está em constante movimento e aperfeiçoamento.

O indivíduo é, portanto, sujeito da história e parte dessa construção. É condicionado pelas relações sociais, políticas, econômicas e sociais e também intervém para modificá-las, pela atuação individual e coletiva. Segundo Marx, os homens fazem

sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime o cérebro dos vivos

como pesadelo. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e as coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestados os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar, nessa linguagem emprestada, a nova cena da história universal. (MARX, 2006, p. 15).

Partindo para compreensão da citação acima, podemos elucidar que a tradição histórica tem uma força social importante, particularmente nos momentos em que a sociedade passa por crises. As deliberações dos seres humanos estão apoiadas a maioria das vezes, nas condições criadas historicamente pelas diversas gerações passadas e presentes, outras pessoas lutaram contra a opressão, os sujeitos não tomam medidas, conforme os seus desejos, e, sim, apoiados em lutas históricas passadas.

Quando surge a possibilidade de transpor mudanças e novas formas de revolucionar-se diante dos momentos de crise, esses sujeitos são tomados pela necessidade de tomar como posse o auxílio de períodos passados, mesmo o tempo sendo outro e as necessidades um pouco ou muito diferentes. É uma forma de empenhar-se na lutas de hoje em períodos e homens do passado. Mas dando respostas a problemas do presente histórico.

No Manifesto Comunista, já tinha sido abordado sobre a soberania do proletariado em junção ao modo de produção capitalista, que limita as ações dos indivíduos na sociedade, dessa forma o sujeito vive em prol da produção capitalista.

Segundo Castells e Touraine (2008, p. 26 *apud* DIAS, 2011, p. 56; 57) o sujeito moderno é visto através do pensamento cartesiano como um indivíduo que assume sua identidade e somente assim torna-se sujeito. Dessa forma, reflete-se que o indivíduo vai conceder através de suas vivências a construção de sua história individual, não dependendo assim da sociedade.

Para Dias e outros autores (2011, p. 59), o pensamento cartesiano para a área da educação é marcado pela anulação da voz do estudante, visto que os anseios,

desejos e experiências dos educandos não são contemplados. Assim como também existem algumas pesquisas recentes que apontam a valorização da diversidade e diferença cultural desses estudantes.

Segundo Dayrell, citado por Dias, acerca da concepção de sujeito e de suas experiências sociais:

Falar de sujeitos implica resgatar o papel dos indivíduos na trama social. Essa perspectiva contrapõe as abordagens que reduzem o educando a condição de aluno, visto ora na ótica da cognição (bom, esforçado, preguiçoso), ora na ótica comportamental (disciplinado, rebelde). Tal postura homogeneizante impede que se conheça de fato o aprendiz em sua concretude, forjado em contextos sociais, econômicos e culturais peculiares. (DAYRELL, 1998 *apud* DIAS, 2011, p.60).

A escola tem uma função social muito importante na vida desses sujeitos, o educando deve ser visto para além do ser estudante, ele tem que ser sujeito ativo de suas ações, deve se apropriar de sua realidade e o espaço escolar deve ser envolvido de vivências que contemplem os contextos sociais, econômicos e culturais que esses sujeitos estão inseridos.

Segundo Gomes (2007, p. 18 *apud* DIAS, 2011, p. 61), “a diversidade que é tão presente na área educacional é vista como um elemento de tensão nesse processo”. Visto que, no processo de humanização do ser humano é notório a produção de saberes, experiências múltiplas, linguagens, e aprendizagens distintas, de modo geral existe uma rejeição com o diferente. O diferente é justamente a cultura estabelecida que as instituições escolares tenham o perfil de estudantes de classe média, brancos, e do sexo masculino.

Quando a tendência de perfil estudantil é modificada, afirma-se a diferença cultural que passa a atribuir para essas instituições sujeitos que ocupam esses espaços, sujeitos na condição de intérpretes de suas realidades, muda-se, então, a história e encontra-se um novo paradigma das Ciências Sociais, os sujeitos passam a fazer história, através de sua historicidade, são movidos de cultura pois inserem nesses espaços novas culturas.

Diante disso, refletimos que os espaços escolares, são o lugar onde o sujeito vai ter voz, e vez, é necessário que os educandos da EJA componham esses espaços e sejam ativos na produção de práticas e propostas pedagógicas que o respeitem, enquanto sujeitos. Na modernidade, o conceito de sujeito compõem-se por meio de concepções nas quais o eu é visto como consciente de si próprio e da sua capacidade de pensar.

Segundo Araújo (2016, p. 1- 2) citando René Descartes (1596-1650), que inicia uma nova página na história e teoria do conhecimento e que, mediante suas ideias, pode ser visto como o principal arquiteto de uma nova noção de eu, a qual permeará o pensamento moderno: um eu que existe no processo de pensar, ou seja, como um ser pensante principal. Como contribuição acerca dessa compreensão do sujeito cartesiano e o racionalismo, Descartes (1993 *apud* ARAÚJO, 2016 p. 2) coloca que, para se “compreender, por que e para que o racionalismo triunfa na idade moderna, há que se buscar o fundamento no sujeito cartesiano, o homem considerado a fonte de todo conhecimento, dono de si, portador da verdade, sujeito da consciência”.

O pensamento cartesiano justifica o eu, com influências do desenvolvimento da ciência moderna e da psicologia. A modernidade traz o conceito do indivíduo como aquele que é racional e capaz de pensar, fornecendo princípios sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca, dessa forma é provido de conhecimento e verdade. O sujeito moderno é a concentração de vários grupos e esses ocupam posições privilegiadas nas sociedades modernas.

A origem social da consciência advém da relevância que a linguagem traz para vida do sujeito, pois através dela o ser terá consciência. Os seres são tomados de consciência e o comportamento será reflexo das interações sociais, dessa maneira o contato através da linguagem com outros sujeitos permitirá o reconhecimento do outro e de si mesmo. O sujeito reconhece o outro, reconhece a si e estabelece relações de experiência com os sujeitos através de suas relações. De acordo com, Vygotsky citado por Paludo

os signos são “instrumentos que reorganizam a operação psíquica na medida em que possibilitam a regulação da própria conduta”. Nesse contexto, destaca-se a linguagem. Num primeiro momento, a linguagem é externa ao sujeito, permite a comunicação entre este e as demais pessoas. (VYGOTSKY, 1991, p. 65 *apud* PALUDO, 2012, p. 3).

Dessa forma, a linguagem que, inicialmente, é algo externo do sujeito, torna-se um elemento fundamental para que aconteçam as interações sociais entre os sujeitos, é por meio dela que o sujeito se torna participativo das questões sociais e torna-se um sujeito social. O homem, portanto, nasce em determinadas condições históricas, políticas, sociais e culturais de uma sociedade historicamente construída e através dessas que se determina e se desenvolve como sujeito, tendo um papel fundamental na transformação da realidade.

Diante de todas as correntes históricas retratadas acerca do sujeito no início desse capítulo das quais foram fundamentais para compreensão do sujeito na sociedade em diferentes épocas, o subcapítulo 2.1 seguirá o estudo acerca de quem são esses sujeitos da EJA e quais são as suas histórias de vida. Assim elencaremos a singularidade desses sujeitos para refletirmos sobre a importância das suas histórias de vida serem contempladas nas escolas. Visto que esses educandos carregam consigo uma bagagem riquíssima, em que os docentes necessitam conhecê-la e valorizá-la.

2.1 QUEM SÃO OS SUJEITOS DA EJA E QUAIS SÃO AS SUAS HISTÓRIAS DE VIDAS

Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos têm especificidades que vão além da condição de não criança, são integrantes das camadas populares, sujeitos com baixa escolaridade e que são excluídos do processo de escolarização no período da infância e da adolescência, por motivos que acabaram impossibilitando esses educandos a prosseguir na educação básica em tempo regular. Convém destacar que as desigualdades educacionais se fundamentam nas desigualdades sociais e essa é uma relação dialética. Para essa reflexão Arroyo nos traz:

Os jovens- adultos populares não são acidentados ocasionais que, ou gratuitamente, abandonaram a escola. Esses jovens e adultos repetem histórias longas de negação de direitos. Histórias coletivas. As mesmas que seus pais, avós, de sua raça, gênero, etnia e classe social. Quando se perde essa identidade coletiva, racial, social, popular dessas trajetórias humanas e escolares, perde-se a identidade da EJA e passa a ser encarada como mera oferta individual de oportunidades pessoais perdidas. (ARROYO, 2005, p. 24).

As histórias de vida desses sujeitos são marcadas pela falta de reconhecimento dos mesmos como seres pertencentes a uma sociedade, da qual eles têm direitos e deveres. Por traz da história deles, existem várias outras, as de seus antepassados. E essa história de negação continua permeando ano após ano, os sujeitos da EJA são acometidos ao esquecimento do Estado e das políticas públicas.

Diante de todas as problemáticas sociais, a EJA é esquecida, suas histórias e suas identidades não são contempladas. Devemos refletir até quando essa modalidade de ensino será compreendida como oferta individual para pessoas que perderam oportunidade de estudar no tempo considerado “certo”.

O pressuposto de que para as práticas educativas no espaço escolar tenham como ponto de partida a realidade dos sujeitos decorre dos ideais de educação de Paulo Freire, porém, nas práticas escolares, o cenário educativo permeia ainda necessitando da conscientização dos seus educadores.

Além de toda uma intensa historicidade, essa modalidade de ensino faz interconexões com muitas outras áreas e modalidades como: Educação Profissional, Educação Especial, Educação Popular e a Arte.

Diante disso, os educadores devem atentar para as suas propostas metodológicas para que sejam contextualizadas com a realidade dos estudantes, ressaltando o desenvolvimento crítico do sujeito. Fazendo com que o mesmo reflita sobre o mundo e suas ações, assumindo uma relação com a sociedade letrada e exercendo seu papel

como ser social, visto que sua relação com o mundo é cheia de experiências das quais permeiam através das interconexões em tantas outras modalidades de ensino.

Os sujeitos da EJA compreendem jovens e adultos com histórias de vida marcadas por singularidades, por experiências sofridas e se afastam da escola por motivos inúmeros como a necessidade de trabalhar, distância entre a escola e a moradia, falta de recursos financeiros para dar continuidade aos estudos, são marcados por carências afetivas, culturais e socioeconômicas.

Esses sujeitos, que tiveram seu processo de escolarização truncada e que retornam ao chão das escolas possuem singularidades culturais, sociais e etárias diversas. São histórias de vidas difíceis, as mesmas devem ser valorizadas e respeitadas. Considerando essas histórias de vida, reafirmamos, segundo as contribuições de Arroyo:

[...] além de alunos ou jovens evadidos ou excluídos da escola, antes do que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos a vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência. (ARROYO, 2005, p. 21).

Os educandos da EJA, jovens, adultos e idosos vivem diante da vulnerabilidade que é posta socialmente. O direito a uma educação de qualidade que contemple suas singularidades e respeitem os como sujeitos é negada a todo o momento e diante dessa realidade que exclui, que oprime, que anula, esses sujeitos seguem vivendo em uma sociedade perversa, que não contempla uma educação como prática da liberdade. Acerca desses sujeitos da EJA, Arroyo contribui,

Reconhecendo e entendendo seu protagonismo. A visibilidade com que a juventude emerge nas últimas décadas e seu protagonismo não vêm apenas das lacunas- escolares, das trajetórias escolares truncadas, mas vêm das múltiplas lacunas a que a sociedade os condena. Sua visibilidade vem de vulnerabilidade, de sua presença como sujeitos sociais, culturais, vivenciando tempos da vida sobre os quais incidem de maneira peculiar, o desemprego e a falta de horizontes; como vítimas da violência e do extermínio e das múltiplas facetas da opressão e exclusão social. (ARROYO, 2005, p. 20).

Dessa maneira, os sujeitos da EJA, incluindo os jovens, adultos e idosos não são reconhecidos nessa sociedade. O protagonismo desses sujeitos não é valorizado e eles vivenciam tempos difíceis, inclusive momentos de negação em suas relações sociais, a exclusão desses sujeitos não é acometida apenas pelas lacunas escolares das quais aconteceram pelo truncamento de sua escolarização, mas pelas inúmeras problemáticas sociais dos quais estão acometidos. Eles são sujeitos históricos que possuem histórias de vida carregadas da falta de valorização e são oprimidos diariamente pela sociedade opressora.

Durante a pesquisa, identificou-se quem são esses sujeitos da Educação de Jovens e Adultos e por quais motivos foram afastados do sistema regular de ensino, diante do entendimento dos resultados da pesquisa conclui-se que a maneira em que eles vivem privados do acesso aos bens materiais e simbólicos da sociedade, pois o não alfabetizado é constantemente oprimido em seu dia a dia em fazeres simples, são negados pelos opressores e não são vistos como sujeitos. Diante dessa realidade acerca dos oprimidos, Freire contribui dizendo:

Quem melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegaram pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 2018, p. 42-43).

A sociedade rejeita, exclui, inferioriza, diminui, categoriza, estabelece relações envoltas de preconceito e os sujeitos da EJA são negados pelos opressores. Diante dessa situação, o real significado de ser oprimido é vivenciado por esses sujeitos dia após dia, em suas relações sociais. Para superar essa realidade e mudar o paradigma dessa educação que oprime, os educadores devem proporcionar para EJA uma educação que conscientize, que valorize o sujeito, um educar voltado ao senso crítico reflexivo acerca de si e dos outros, espaços para a escuta atenta de suas histórias e anseios de vida.

Dessa maneira, os sujeitos da EJA devem vivenciar práticas metodológicas nas instituições escolares que promovam uma educação libertadora, envolta de respeito a suas singularidades. E para que essas singularidades sejam respeitadas e consideradas, o educador necessita conhecer seus educandos, ter um olhar atento e sensível para aqueles que estão nas cadeiras escolares em busca dos seus sonhos.

Os sujeitos da EJA reconhecem as suas dificuldades e responsabilizam-se muitas vezes com um sentimento de culpabilidade por não conseguirem dar continuidade aos seus estudos. Diante dessa constatação, os oprimidos, que são excluídos, se auto responsabilizam pela sua própria exclusão, tomando suas dificuldades como situações movidas apenas por ordem pessoal. Quando tomam consciência sobre o sistema excludente, os sujeitos descobrem-se como sujeitos com seus direitos negados. Arroyo retrata acerca da Educação de Jovens e Adultos como uma responsabilidade das políticas públicas, diante disso refletiremos:

A EJA sairá dessa configuração supletiva, preventiva e moralizante se mudar o olhar sobre os jovens- adultos e os ver com seu protagonismo positivo: sujeitos de direitos e sujeitos de deveres do Estado. Ai poderá se configurar como política pública, como dever do Estado. As possibilidades de reconfigurar esse direito à educação passam por ai: avançarmos em uma visão positiva dos jovens e adultos populares, por reconhecê-los como sujeitos de direitos. (ARROYO, 2005, p. 22).

A responsabilidade pública para uma educação de qualidade para o público da EJA deve promover uma mudança no paradigma educacional atual, visto que essa modalidade ainda é vista como uma prevenção. Esses sujeitos devem ter seus direitos garantidos pelo Estado, bem como devem ser vistos como sujeitos e não como pessoas à margem da sociedade, respeitando assim suas histórias de vida e suas singularidades.

Diante dessa realidade vivenciada por muitos jovens e adultos oriundos da camada pobre da sociedade, com uma educação truncada por inúmeros motivos que vão além da condição pessoal, é que situamos nossa pesquisa para a compreensão acerca de como estão oferecendo a Educação de Jovens e Adultos no chão da escola para

esses sujeitos, especificamente em um Escola Municipal de uma periferia da Cidade de Salvador, onde foi realizado esse estudo com a pesquisa de campo.

A pesquisa foi idealizada frente a todos esses aspectos anteriormente já elencados e diante da minha expectativa de conhecer mais sobre as trajetórias desses sujeitos. Para isso durante a pesquisa, busquei observar a relação dos educandos com os professores, colegas de sala e a comunidade escolar, procurando refletir sobre as vivências desses educandos no ambiente escolar e das propostas que estão sendo dispostas nas salas de aula e nos espaços educativos da instituição.

A riqueza de saberes diversos que esses sujeitos possuem com as suas vivências de mundo é uma fonte inesgotável de possibilidades para o universo escolar. Os profissionais envolvidos na arte do educar devem estar atentos e em constante pesquisa para práticas que condizem com a realidade de vida desses sujeitos, visto que a bagagem que esses sujeitos carregam é parte fundamental para o avanço educacional se contemplado em suas propostas metodológicas.

O educando traz, para a sua relação dentro da escola, as experiências de mundo em que viveram e que vive. Diante disso, o conceito de leitura de mundo que Paulo Freire nos traz é:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo. (FREIRE, 1992, p. 11; 2).

A leitura de mundo anunciada por Paulo Freire (1992) reflete a necessidade de conhecer a realidade dos sujeitos sociais e a indicação que o processo educativo respeite e contemple as singularidades do sujeito por meio da leitura de mundo.

Cabe à comunidade escolar, professores, gestores, coordenadores preparar-se em prol dessa educação, partindo da singularidade de seus estudantes, conhecendo o público que frequenta a escola, planejando projetos que visem o reconhecimento dos

diversos saberes desses sujeitos, bem como planejamentos e avaliações que contemplem os anseios dos mesmos.

Arroyo retrata acerca da importância que esses educadores têm no processo de ensino aprendizagem bem como aponta o olhar desses educadores para os sujeitos da EJA:

Assumindo o olhar sobre a diversidade como ponto de partida, uma questão merece destaque nos relatos: como formar docentes-educadores para ver os coletivos diversos? Com quais olhares? Com novas maneiras de vê-los? Como reeducar os docentes-educadores a fim de que superem visões e representações preconceituosas sobre os diversos? (ARROYO, 2008, p. 15).

O olhar reflexivo desses educadores para os estudantes da EJA é fundamental para mudança desse cenário educativo que é carregado de marcas preconceituosas, que oprimem esses sujeitos. A formação desses profissionais que irão atuar com a EJA deve ser repensada, reformulada e refletida cotidianamente. A educação deve proporcionar escuta, respeito, momentos para compartilhar sonhos, desejos, anseios, expectativas. Para essa reflexão Arroyo (2008) nos diz que

Em outros termos, reeducar os olhares dos gestores e coletivos docentes não será suficiente. A questão de fundo com que se defronta todo programa de formação e diversidade é se conseguirão desconstruir os olhares e as concepções institucionalizadas do próprio sistema escolar e da Universidade que produziram e reproduzem os diversos como desiguais. (ARROYO, 2008, p. 16).

Para além dessa premissa de educar o olhar dos educadores nas escolas, é importante considerar que reeducar o olhar para desconstruir preconceitos que já estão enraizados, deve ser práticas que desconstruam essas mazelas que acabam impregnando a sociedade. Dessa maneira, o olhar apurado precisa abarcar os currículos, as Universidades, os sistemas escolares, as relações pedagógicas, as políticas públicas, as avaliações, entre tantos outros.

Diante desse olhar reeducado, os professores, quando falam desses sujeitos, não devem generalizá-los apenas como “não crianças”, deve-se reconhecê-los como

estudantes da EJA, que são integrantes de uma diversidade de grupos culturais da sociedade que não puderam, por algum motivo, seguir com a escolaridade regular.

Esses sujeitos não são personagens abstratos, devem-se transpor essas barreiras encontradas pelos estudantes da EJA, pois eles, muitas vezes, não são considerados pertencentes de uma especificidade cultural, com conhecimentos que eles trazem ao longo de suas vidas. Acerca disso, traremos a contribuição do Ministério da Educação:

A consciência do direito à educação cresce entre a população jovem e adulta excluída do sistema escolar, e faz com que suas demandas sejam consideradas na conformação de projetos político-pedagógicos e de políticas públicas a eles destinadas. Quem são esses sujeitos? Como se expressam no mundo? Onde estão no território brasileiro? O que fazem? Como produzem a existência? Quais são seus desejos e expectativas? Que projetos de vida manifestam? (BRASIL, MEC; SECAD, 2008, p. 1).

Contudo esse entendimento da consciência do direito à educação não se consolidou como garantia, para que os sujeitos da EJA sejam respeitados na construção dos projetos políticos pedagógicos e para as políticas públicas dessa modalidade, as quais deveriam assegurar e respeitar a grande diversidade que a EJA possui.

Além da consciência dos seus direitos os educandos dessa modalidade devem conhecer esses direitos, saber onde encontrá-los e diante do conhecimento reivindicar os referidos direitos coletivos. Nessa luta de direitos os educadores devem unir-se aos sujeitos, ambos embasados na LDBEN/96. Nesses documentos os sujeitos encontrarão o que a lei lhes assegura para que eles possam cobrar seus direitos e assim contribuírem com mudanças significativas na educação.

Os educadores devem conhecer o perfil de seus educandos e para esse reconhecimento os mesmos devem evidenciar práticas em suas salas de aula que proporcionem o conhecimento e reconhecimento das histórias de vida desses estudantes, além de promover momentos para que esses sujeitos sintam-se à vontade para compartilhar suas vivências com a turma e com seus professores. Os docentes devem planejar suas aulas com as seguintes questões: Quem são esses sujeitos? Como vivem? Trabalham com que? O que fazem no seu dia a dia? Quais os seus sonhos? Quais são suas motivações? Essas questões devem ser planejadas

pedagogicamente, para que em suas propostas metodológicas eles sejam contemplados.

Contudo, essa pesquisa pretende analisar as propostas metodológicas vivenciadas pelos educandos da EJA no chão da escola a fim de constatar se as mesmas contemplam o sujeito que nele está inserido, ou se elas são descontextualizadas e infantilizadas. Se a metodologia aplicada não considerar o educando, conseqüentemente, aparecerá a falta de motivação para ir às aulas, resultando no afastamento temporário escolar.

Ao estudarmos acerca dessa modalidade de ensino, devemos compreender que os educandos são sujeitos de direitos, diante da realidade dos estudantes que é diversificada, sendo necessário um olhar reflexivo e crítico em prol de questões próprias do público da EJA.

Devem-se valorizar as experiências de vida, que vão além do espaço escolar, entre eles estão os vínculos familiares, o trabalho, a religiosidade, os momentos de lazer, cultura entre outros.

As histórias de vida desses sujeitos enriquecem suas trajetórias e dão singularidade a cada ser. São histórias vivas, carregadas de significados, os educadores são convidados ao ato de educar para liberdade, valorizando a condição do sujeito, respeitando e proporcionando propostas metodológicas que evidenciem suas histórias de vida.

Essas histórias são inundadas de riqueza cultural, social, interpessoal e psicossocial. Essas devem estar incluídas nas propostas metodológicas, para que os estudantes possam se apropriar de suas próprias experiências de vida e, diante das mesmas, percebam que se constituem a partir de tudo que viveram e vivem. Para essa abordagem, Dias nos diz que

Enfatizando outras dimensões da vida que transcendem o espaço escolar, como família, trabalho e lazer, eles colocam em xeque a reprodução da matriz curricular do ensino fundamental destinados a crianças e a adolescentes nos cursos de EJA. Assim, questionam a

concepção da educação compensatória que está fortemente presente na Educação de Jovens e Adultos. (DIAS, 2011, p. 50).

A Educação de Jovens e Adultos necessita superar a concepção de educação compensatória que, infelizmente, está imposta em muitas escolas. Dessa forma, são necessárias propostas metodológicas que promovam os sujeitos e resultem em um novo paradigma educacional para essa modalidade.

Esta pesquisa busca o reconhecimento dos educandos da modalidade da EJA como sujeitos que têm “voz” e será por meio das memórias narradas que refletiremos criticamente sobre a relevância que essas histórias de vida têm nas propostas metodológicas em sala de aula.

Muitos desses estudantes da EJA são sujeitos que foram excluídos da sociedade por fatores de ordem social e econômica, que voltaram para escola muitas vezes em prol de uma realização pessoal e carregados de sonhos. Na Educação de Jovens e Adultos, os sujeitos carregam consigo uma bagagem cultural gigantesca que foi acumulada historicamente. Essa bagagem deve ser aproveitada pelo professor de maneira significativa, onde os docentes incentivem seus educandos ao interesse das diversas experiências encontradas no chão de suas salas de aulas, aproveitando para fazer uma ponte com os conhecimentos científicos e formais, para que essa educação esteja em prol dos sujeitos.

De maneira geral, os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos que retornam para as instituições e querem continuar os estudos são pessoas da classe trabalhadora, sujeitos que estão em condição de desemprego e aqueles que pretendem galgar um melhor emprego.

Esses sujeitos são marcados por histórias de vida truncadas, a relação com o ambiente escolar foi de idas e vindas por inúmeros motivos. Entre esses motivos, podemos elencar alguns, como a jornada de trabalho e a falta de tempo para ir à escola, cansaço após a jornada de trabalho, dificuldade com alimentação, falta de estímulo devido às dificuldades vivenciadas diariamente, falta de estruturação familiar,

além de metodologias e recursos pedagógicos inadequados que fazem os estudantes se afastarem das escolas. Alguns se distanciam das escolas por medo que sejam rejeitados devido as suas dificuldades pedagógicas. Para Santos,

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não aprender. A não-aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico). (SANTOS, 2003, p. 74).

Diante dessas situações e buscando a mudança desse cenário educacional, o conhecimento e valorização das histórias de vida desses sujeitos para fazer parte das propostas metodológicas em sala de aula é elementar e acolhedor para o processo de ensino aprendizagem desses estudantes.

Essas histórias de vida são contadas no chão da escola, através de narrativas, que têm como destaque o verbo. Ele constrói os enunciados, revelando a importância da temporalidade produzida em um texto. Uma história de vida contada e apresentada como testemunho dos saberes que cada aluno possui ao longo de sua vida são histórias que, construídas e contadas, ganham vida e espaço nas salas de aula.

As histórias de vida permitem que o sujeito conte sua história, se aproprie dela e adquira domínio sobre si mesmo, sobre os aspectos físicos, psíquico, cultural, social e espiritual. Os estudantes da EJA, muitas vezes, chegam tímidos e inseguros na escola, cheios de dúvidas do que lhes aguarda naquela instituição. A dúvida traz desconforto, muitas vezes, não sabem ao certo sobre aquele espaço, se é ou não o lugar ideal para eles. Não conhecem os educadores que passarão a conviver por horas durante os dias letivos, desconhecem muitas vezes os funcionários da comunidade escolar, são propícios a ansiedade acerca das regras e inúmeras novidades que acontecem dentro de uma instituição de ensino.

É importante que o educador atue com sensibilidade no acolhimento desses estudantes da Educação de Jovens e Adultos, e faça com que eles percebam que já passaram por várias superações em diversas áreas de suas vidas. E que o chão da escola é um espaço/lugar para continuar os estudos. Os professores, funcionários e gestores devem fazer dessa instituição um ambiente que incentive esses sujeitos para educação e que traga possibilidades para a realização de seus sonhos de vida, bem como proporcione para esses sujeitos o sentimento de pertencimento daquele espaço escolar como parte de suas vidas.

As propostas de metodologias apoiadas nas narrativas das suas histórias de vida evidenciam uma perspectiva reflexiva sobre o conhecimento de si e do mundo. Diante disso, Bosi coloca sobre a metodologia da narrativa:

Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta. A Guerra, a Burocracia, a Tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão; ele se espanta [...] mas cala-se porque lhe é difícil explicar um todo tradicional. (BOSI, 1994, p. 84).

A possibilidade da metodologia está apoiada nas histórias de vida, faz-se refletir sobre como esse profissional atuará, com aulas expositivas, que instiguem a memória, com dinâmicas voltadas ao conto de experiências e casos vivenciados pelos sujeitos da EJA.

Nesse contato memorável com suas histórias passadas e presentes os sujeitos vão descobrindo pontos em comum, lugares que frequentaram em épocas iguais ou diferentes, profissões que aprenderam com a necessidade da sobrevivência, situações de vida parecidas e outras totalmente diferentes, que irão dar abertura para compreensão de outras histórias de vida e conseqüentemente do conhecimento de mundo, que vai além da história de vida singular para o reconhecimento da coletividade, é conhecer os outros e o mundo que nos cerca através de experiências compartilhadas.

Com esse tipo de metodologia, o professor consegue um espaço diferenciado e desejado por todos. É um estudo, que busca ir além da escolarização, é o aprendizado em prol de realidades distintas, aprendizado enquanto estudante e enquanto ser social. É nesse lugar que os sujeitos são tocados através de suas próprias histórias de vida e são tocados pelo próximo com respeito e solidariedade, a possibilidade de compartilhar com os outros as nossas histórias de vida propicia a reflexão sobre si, sobre o outro e sobre a sociedade.

Através de suas narrativas, os sujeitos vão criando seus espaços, plantando e colhendo autoestima, eles têm “voz”, a história deles é parte daquela instituição e são reconhecidos como estudantes, e não como sujeitos que chegaram atrasados no espaço escolar.

Os sujeitos da EJA voltam à escola para conquistar algo que sempre desejaram e é através das propostas metodológicas que valorizam esses sujeitos, que eles se reconhecem, é a partir dessa troca de vivências que essas conquistas se dinamizam e o desejo por alcançar seus objetivos aumentam significativamente.

A busca por sonhos faz todo sentido, quando esses sujeitos são valorizados diante de suas singularidades. É através de práticas que dialoguem com suas histórias de vida, que o processo de ensino aprendizagem fará sentido para vida desses estudantes. Os educandos da Educação de Jovens e Adultos são movidos por objetivos de vida que os impulsionam a continuar a conquista de um ideal a ser alcançado. Diante disso, Freire diz:

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem —tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 1996, p. 58).

Diante da citação acima, há concordância com Freire, no sentido em que se deve propor em sala de aula propostas metodológicas que valorizem o sujeito, sua história e narre sua existência enquanto sujeito ativo na sociedade. O sujeito está inserido no mundo fazendo história e sendo história viva a todo momento. Dessa forma, as

propostas educativas que permanecem distantes do sujeito como ser social e cheio de experiências é uma prática que precisa ser, urgentemente, refletida e transformada.

Existe uma diversidade cultural, étnica, linguística, religiosa, biológica que constitui a história de vida desses sujeitos. São seres abarcados de conhecimento de mundo, envoltos por uma pluralidade diversa, que pensam, vivem de maneira diversa. Essas identidades devem ser contempladas nos espaços escolares e são tantas as possibilidades para que esses sujeitos participem ativamente do seu processo educativo de forma crítica e respeitosa.

A sala de aula não se resume ao quadro, às cadeiras e cadernos esses recursos existem com a finalidade de ser um suporte para auxiliar as práticas educativas existem outros recursos que podem completar as salas de aula e dessa maneira tanto os educadores como a gestão escolar deve estar em constante processo de reflexão para que busquem outros aportes para a instituição escolar, em prol do desenvolvimento dos sujeitos.

Nessas instituições educativas, deve existir um espaço para que esses sujeitos dialoguem sobre a sua existência no mundo, um espaço para sonhar e traçar metas para realização desses sonhos. Momentos organizados para que os estudantes pensem: Como iremos chegar a determinado desejo? Como iremos transpor os obstáculos? O que podemos fazer para ajudar quem está ao meu lado nessa caminhada? Deve existir o espaço para as produções artísticas, visto que meio a essa modalidade cada um tem uma história de vida cheia de aprendizados, porque não reservar um momento para dividir o que sabemos e aprender o que nem conhecemos? Espaço para o toque, para a pintura, para o recorte, para contemplação de obras artísticas, para contemplação do que eu sou e do que nós somos nesse mundo. Nessas salas de aula, são tantos os estudantes que se afastaram da escola e foram marcados por exclusões sociais em suas vidas.

As instituições de ensino devem se integrar com a pluralidade que tem em suas salas de aula e na sociedade como um todo. Deve haver uma preocupação por parte da escola em formar esses sujeitos educandos de forma plena, considerando todas as dimensões humanas e não apenas a cognitiva, sobretudo para esses sujeitos que vivenciaram histórias de vida com infâncias e adolescências tão duras e difíceis, grupos que foram subalternizados e oprimidos de diversas maneiras, sendo elas de ordem política, cultural e econômica. Desta maneira, o capítulo seguinte abordará acerca das histórias de vida desses sujeitos da EJA como um método de investigação, que é tão relevantes nas propostas metodológicas.

3 AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS SUJEITOS DA EJA COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo, será abordada a história de vida como metodologia de investigação. Dessa maneira, o estudo segue com um breve histórico de como esse método surgiu e de que maneira o mesmo auxilia nas práticas em sala de aula. Contudo a pesquisa visa compreender qual é a importância que as histórias de vida dos educandos da EJA têm para as propostas metodológicas nas escolas.

3.1 A HISTÓRIA DE VIDA COMO UM MÉTODO E SUA RELEVÂNCIA NAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS NA MODALIDADE DA EJA

A pesquisa surge a partir da curiosidade acerca de uma temática, essa possui uma problemática a ser estudada, da qual abarca historicidade, espaço, tempo e através do debruçamento nos estudos busca-se o caminho para a reflexão e soluções dessas problemáticas.

O estudo em busca de soluções para esse problema conta com os procedimentos a serem seguidos para os seus resultados. Estudar histórias de vida reflete-se em compreender as mudanças que permeiam nossa sociedade, visto que o hoje nunca será o mesmo amanhã. As nossas experiências de vida são “bagagens” enriquecidas por questões de cunho pessoal, social, psicossocial, cognitivo, entre outras.

Dessa forma, devemos refletir sobre o que é planejado para os estudantes, eles irão estudar tantos conteúdos programados, que muitas, vezes, servem para dar conta de prazos, metas externas, amostra de números e de resultados que não enriquecem significativamente a vida desses educandos. O planejamento, as avaliações, os projetos são organizados, antecipadamente, sem o prévio conhecimento dos sujeitos que estão inseridos naqueles espaços.

A reflexão que o estudo sobre as histórias de vida traz é que não podemos educar para alcançar números, metas e desejos externos. As histórias de vida, como uma proposta metodológica nas salas de aula, traz o conhecimento daquele que é mais

importante em nossas salas de aula: o educando. Ele deve ser valorizado, respeitado e deve sentir-se contemplado no processo de ensino aprendizagem. Para Spindola e Santos o método história de vida baseia-se

Na história que os indivíduos relatam sobre seu cotidiano ou até mesmo ações que já ocorreram. Ou seja, baseia-se na “premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores. (SPINDOLA; SANTOS, 2003 *apud* MACCALI *et al*, 2013, p. 2).

Diante disso, a real importância de estudar e contemplar os sujeitos da EJA com propostas metodológicas que abracem suas histórias de vida é a possibilidade de dar voz a esses sujeitos, educa-los para liberdade e para criticidade.

A escolha acerca desse método de pesquisa foi situado diante do estudo teórico anterior no curso de Pedagogia e da experiência de vida que minha mãe egressa da modalidade da EJA, sempre compartilhava comigo em seus depoimentos e conversas diárias acerca de como foi a sua história de vida no passado, entrelaçando com a suas experiências atuais, visto que ela nunca abandonou suas raízes históricas.

A história de vida teve o seu reconhecimento epistemológico inicialmente no âmbito do movimento etnometodológico, essa foi uma tendência da sociologia criada por Harol Garfinkel, ela era compreendida a partir dos fundamentos psicolinguísticos e fenomenológicos, dessa maneira o movimento etnometodológico evidenciava explicações acerca da vida em sociedade. Segundo Araújo (2012, p. 2) a compreensão fenomenológica não situa o indivíduo como um ser que é controlado pelas forças imponderáveis encontradas nas conjunturas sociais.

Ainda segundo Araújo (2012, p. 2-3), em síntese, a fenomenologia não contempla a partir daquilo que já é construído, trata-se de considerar a existência dos seres, dos quais fazem parte das interações sociais e utilizam-se da linguagem para relacionar-se.

Segundo Minayo (2004) a etnometodologia teve como berço a Universidade de Chicago, e como seu principal arquiteto Robert Park que, desde as décadas de 1920 e 1930, o mesmo protege a importância da experiência direta com os atores sociais para a compreensão de sua realidade. As histórias de vida, como método, possibilitou um olhar detalhado para formação dos educadores, e essas histórias ganharam maior visibilidade, como recurso metodológico, na segunda metade do século XX nos Estados Unidos da América e na Europa.

Chegando ao Brasil através dos pesquisadores norte-americanos na década de 1970 apesar de não ter sido um momento benéfico para seu desenvolvimento no país, pois o regime militar na época não recebia, com bons olhos, esse recurso metodológico, pois o mesmo dava visibilidade ao estudo de diversas camadas da sociedade e não havia patrocínio para o estudo.

Ferraza, citando Atkinson, coloca que

a história de vida e a história oral são expressões usadas para definir o mesmo elemento, a história de vida ou relato de vida é aquela que descreve a história tal qual contada pelas pessoas que vivenciou, não havendo interesse do pesquisador em confirmar a autenticidade dos fatos, pois o objetivo é visualizar o ponto de vista do sujeito narrador. (ATKINSON, 2003 *apud* FERRAZA, 2017, p. 24).

Seguindo a compreensão dos termos, conforme Bertaux (1980) citado por Ferraza (2017, p. 24), “a life history, como estudo de caso clínico, compreende, além da narrativa, um estudo de todos os documentos que possam ser consultados, caracterizando como uma técnica de estudo de caso clínico”.

Segundo Hatch e Wisnieski (1995) citado por Ferrazza (2017, p. 24), apenas na década de 80 esse método foi reconhecido e começou analisando o que era vivido, dessa forma o mesmo despertou interesse, pois coletava dados acerca do homem e os contextos sociais em que estava inserido.

Segundo Sousa, a história oral que faz parte das histórias de vida dos sujeitos afirma que:

o método constitui-se como metodologia qualitativa de pesquisa direcionada para uma melhor compreensão do presente, dessa forma

contempla a realidade do presente, além de abordar o passado diante das experiências e vozes dos atores sociais. (SOUSA, 2004, p.138).

Diante disso, através de uma pesquisa de história oral, as narrativas ali dispostas são as experiências de vida de um ser e é através das entrevistas que possibilitará um estudo enriquecedor diante dessa interação entre o pesquisador e o pesquisado. Queiroz, citado por Sousa, define que

a história de vida insere-se no campo da história oral e pode ser definida como o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. (QUEIROZ, 1988, p. 19 *apud* SOUSA, 2004, p. 139).

As histórias de vida desses sujeitos serão dispostas diante de relatos orais da vida e o narrador tem controle de suas informações em relação ao tempo histórico que viveu através da memória a história de vida faz parte da metodologia qualitativa e tem conexão entre o pesquisador e o pesquisado. Segundo Sousa (2006, p. 139), “ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o dizível da sua história, de sua subjetividade e os percursos da sua vida”.

A coleta de informações vai depender da condução do próprio entrevistado acerca de suas experiências, visto que ele decide o que contar acerca de sua história. Ele escolhe o tempo, a ordem cronológica e os acontecimentos do qual ele irá escolher para relatar.

Segundo Pineau, citado por Sousa o termo história de vida diz que:

A uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para a autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/ coletiva. Tal categoria integra uma diversidade de pesquisas ou de projetos de formação, a partir de vozes dos atores sobre a vida singular, vidas plurais ou vidas profissionais, no particular e no geral, através da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade e dos contextos dos sujeitos. (PINEAU, 1999, p. 343 *apud* SOUSA, 2004, p. 144).

Portanto, a utilização da metodologia história de vida parte da revelação do que somos de nossas vivências e aprendizagens, além do nosso conhecimento de si e é mobilizado também o conhecimento acerca do outro. Sendo assim, a história de vida dos sujeitos engloba questões que tecem nossa vida tanto socialmente como individualmente, englobando nesse processo, as mudanças sociais a que estamos acometidas.

Ferraza aponta sobre a metodologia da história de vida:

a metodologia de história de vida fornece ao pesquisador dados que podem evidenciar como, ao longo do tempo, se constituiu a personalidade do sujeito pesquisado auxiliando a compreensão e a análise dos processos de aprendizagem sob a perspectiva psicológica. (FERRAZA, 2017, p. 23).

Essa metodologia trata de um processo pelo qual o sujeito passou por mudanças em sua história, construindo, assim, experiências e aprendizagens múltiplas. Dessa maneira o processo de aprendizagem pode ser identificado a partir das histórias de vida dos sujeitos.

A história de vida possibilita a compreensão do sujeito e suas singularidades e a reflexão acerca da sociedade. A minha história reflete na história do outro em várias particularidades, as histórias fazem relações, estamos em um ciclo de acontecimentos, situados em uma da sociedade e essas histórias de vida relacionam-se indo além da individualidade.

Desta forma, os docentes necessitam desconstruir seus posicionamentos excludentes, autoritários, conservadores e construir um novo paradigma de educação. Uma educação que evidencie, nas propostas metodológicas, os sujeitos ali presentes. Esses possuem histórias de vida das mais diversas e essas são essenciais para o repertório de vida de toda comunidade escolar, em prol da valorização desses sujeitos, da sensibilidade do olhar dos outros, da conscientização humana acerca da história que esses sujeitos carregam consigo, proporcionando, assim, uma educação libertadora onde esses sujeitos sintam-se pertencentes de suas histórias e dos espaços escolares e pertencentes do mundo que dividem com a sociedade.

O estudo seguirá com o espaço onde foi realizada a pesquisa de campo, para aprofundamento das características encontradas nessa escola, visto que cada escola pertence a uma comunidade com culturas, valores, costumes diferentes. A rotina escolar, é direcionada através da coletividade que pertence a esse espaço e, diante disso compreenderemos acerca do mesmo para refletirmos sobre o objeto de estudo.

4 O ESPAÇO DA PESQUISA EM SEU CONTEXTO

O presente capítulo aborda acerca dos lócus onde a pesquisa de campo foi realizada, uma breve apreciação acerca da descrição da comunidade local, os espaços que a instituição de ensino dispõe, bem como a caracterização dos mesmos e os aspectos que foram observados durante a pesquisa de campo sobre a realidade encontrada nessa escola e no entorno dela.

4.1 AMBIENTE INSTITUCIONAL: CARACTERIZAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR E SEUS ESPAÇOS

A instituição de ensino¹ que me acolheu para a observação e realização da pesquisa de campo situa-se em uma região periférica da cidade de Salvador, e foi fundada na década de 80. A mesma é administrada, atualmente, pela Secretaria Municipal de Educação - SMED.

A escola fica em um bairro populoso em que existe uma grande concentração de comércio, habitações como casas, apartamentos, além das moradias improvisadas em localidades que são ocupadas por pessoas em situação de risco social. Nesse bairro, encontram-se bancos, escolas, hospitais de grande porte (das redes públicas e um da rede privada).

A instituição onde foi realizada a pesquisa é caracterizada pela Prefeitura Municipal de Salvador como escola de grande porte especial, essas escolas são denominadas dessa maneira por se tratar de uma escola de estrutura ampla, que abriga um maior número de estudantes de uma determinada região.

A escola atende a uma grande população de baixa renda que mora nessa região periférica da cidade de Salvador, além de estudantes que frequentam a escola e que moram em bairros adjacentes.

¹ Para a pesquisa de campo, o nome da instituição de ensino não foi exposto em todo corpo do trabalho, pois em contato com a própria escola e com os sujeitos participantes da pesquisa ficou acordado que as informações seriam sigilosas bem como a identidade dos sujeitos.

No bairro, infelizmente, ainda não existe uma grande quantidade de escolas desse porte para o atendimento a sua demanda. No geral, as outras escolas possuem uma infraestrutura que não comporta o número de estudantes a serem atendidos. Nessa região ainda existem muitas escolas com prédios alugados e desprovidas de espaços para uma educação de qualidade, como, por exemplo: escolas sem espaços para prática de esporte, escolas com espaços pequenos que são adaptados para se tornarem uma sala de aula, refeitórios e cozinhas improvisadas em espaços pequenos, além das escolas sem acessibilidade.

A Secretária de Educação do Estado da Bahia, em 1987 fez a troca do nome dessa instituição, que inicialmente, pertencia a uma Creche Escola e, nessa época, passou a fazer parte das escolas estaduais de ensino. A escola atendia crianças a partir de 07 (sete) anos no diurno e no turno noturno eram atendidos os estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

A mesma que pertencia ao estado passou pelo processo de municipalização no ano de 2004, portanto, a instituição de ensino, a partir desse ano, tinha o município de Salvador como unidade mantenedora.

A instituição era situada em outra rua, na mesma região onde fica o atual prédio da instituição, porém o prédio antigo era alugado e a estrutura física não conseguia atender à grande demanda daquela localidade. A construção da escola em um espaço maior ampliou as vagas para estudantes do bairro e possibilitou ser um motivo real de incentivo para educação do bairro.

O prédio novo foi construído e inaugurado em 2007 e atende atualmente a crianças a partir de 06 (seis) anos e o Ensino Fundamental I do 1º ao 5º ano, com a média de 20 (vinte) a 30 (trinta) estudantes por sala.

A demanda de atendimento na escola é, em média, de 680 (seiscentos e oitenta) estudantes, porém a escola comporta 733 (setecentos e trinta e três) educandos, sendo a maioria do Ensino Fundamental I do 1º ao 5º ano nos turnos matutino e

vespertino. A escola oferta o programa SE LIGA no turno matutino, e o ACELERA nos turnos matutino e vespertino ambos para o Ensino Fundamental I.

A instituição é contemplada por salas de tamanho médio, que comportam uma quantidade de 25 (vinte e cinco) a 30 (trinta) estudantes. São salas, compostas por quadros brancos, cadeiras, mesas e armários. Esses espaços são arejados e possuem janelas com fácil abertura para ventilação, em algumas salas, os ventiladores não funcionam, a sala onde foi feita a pesquisa possui dois ventiladores, e ambos estão funcionando.

Diante da realidade de algumas salas observadas e dos outros espaços na escola que não possuem o recurso do ventilador, uns têm esse recurso e outros ficam acometidos em salas quentes, gerando desconforto para os estudos.

Existe uma boa iluminação nas salas de aula, e são compostas por lâmpadas fluorescentes. Contudo, em alguns espaços da escola no turno de pesquisa (noturno), foi observado que a maioria das lâmpadas permanecem desligadas em alguns espaços da escola tanto nas áreas internas, como externas, como por exemplo: área de entrada da escola, pátio de entrada e pátio do fundo da escola, quadra, e alguns corredores. O motivo desses locais permanecerem sem a iluminação, segundo funcionária da escola, seria porque são espaços não utilizados pela comunidade escolar naquele turno.

Diante dessa realidade retratada, pode-se refletir acerca dos espaços que encontramos na instituição. Esses deveriam ser ambientes para os educandos conviverem, compartilharem, experimentarem e explorarem. Com a iluminação inadequada, a segurança dos educandos e de toda comunidade escolar torna-se precária, além disso, um espaço que é escuro afasta os estudantes.

Dessa forma, podemos evidenciar que a escola onde foi realizada a pesquisa, necessita repensar a utilização e oferta da iluminação de alguns ambientes que a

mesma possui, visto que todos têm direito aos espaços dessa instituição e sem iluminação eles não poderão usufruir com qualidade da escola como um todo.

Todos os espaços da escola são importantes. Esses poderiam ser direcionados para somar na aprendizagem desses estudantes, proporcionando momentos de convivência, oportunidade de experimentação, exploração de diversas habilidades, espaços para compartilhar a vida, pois a educação, vai além das experiências vividas no chão das salas de aula.

Os espaços que a escola dispõe, todos são educativos e os estudantes necessitam frequentar e desenvolver-se em todos eles, tanto os educandos do diurno, como os educandos do noturno. Para melhorar as condições da escola e trazer impactos positivos, as gestores e funcionários devem observar como estão dispostos seus espaços e comunicar ao órgão responsável por sua administração para fazer os necessários ajustes, a esse nível de manutenção e falta de recursos.

Uma escola mal iluminada acarreta prejuízos no nível da aprendizagem desses estudantes, pois causa o cansaço na visão, dificuldade de enxergar, entre outros problemas que podem afastar os sujeitos desses espaços. A iluminação adequada traz para toda comunidade escolar um ambiente tranquilo, acolhedor, além de favorecer na aprendizagem.

A escola onde foi realizada a pesquisa tem uma infraestrutura composta por sala da diretoria, sala de professores, sala de secretária, refeitório, 3 (três) banheiros, quadra de esportes descoberta, pátio coberto, biblioteca, 9 (nove) salas de aula e estacionamento.

A equipe pedagógica é composta por 29 (vinte e nove) professores no total entre regentes, segundo regentes e professores das áreas específicas. A gestão escolar está dividida em Diretor do diurno e noturno, Vice-Diretor do vespertino e Vice-Diretor do noturno. A escola possui 2 (duas) merendeiras, 4 (quatro) porteiros que trabalham em escalas diferenciadas, 1 (uma) secretária, 3(três) auxiliares administrativos,

5(cinco) auxiliares de serviços gerais. Essa é a equipe que auxilia no bom funcionamento da escola todos os dias.

No turno da noite, o atendimento da instituição é para a modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos, do TAP I ao TAP III, (Tempo de Aprendizagem). Diante disso, a escola oferece a EJA I, que é organizada no 1º Segmento da Educação de Jovens e Adultos e atende cerca de 80 estudantes.

A EJA está dividida por segmentos, sendo o 1º Segmento da EJA constituído pelo TAP I (Tempo de Aprendizagem I), TAP II (Tempo de Aprendizagem II), TAP III (Tempo de Aprendizagem III), nesse segmento totaliza-se 2.400 horas em três anos, com 200 dias letivos cada um e esse é o segmento ofertado na escola onde foi realizada a pesquisa.

A EJA II compreende o 2º Segmento da Educação de Jovens e Adultos, esse segmento está organizado pelo TAP IV (Tempo de Aprendizagem IV) e TAP V (Tempo de Aprendizagem V), são tempos de aprendizagem que compreendem ao tempo de dois anos, com duração de 2.000 horas, com períodos de 200 dias letivos cada.

Quando os discentes da instituição de ensino na qual realizei a pesquisa finalizam a EJA I – 1º Segmento, eles geralmente são matriculados em outra escola no próprio bairro, para continuação dos estudos na EJA II que pertence ao 2º segmento da modalidade de ensino.

A pesquisa dispõe de uma reflexão sobre a caracterização escolar com dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para essa instituição de ensino. Ainda que não exista uma avaliação externa em larga escala (como a Prova Brasil e a Provinha Brasil) para a modalidade da EJA, neste trabalho reflete-se sobre os índices informados através do IDEB para essa instituição, visto que é fundamental fazer uma análise acerca dessa caracterização escolar geral, pois a mesma reflete acerca da comunidade que vivencia esses espaços.

O IDEB indicou que a aprovação dos discentes nessa escola em 2013 alcançou 77.6% e, em 2015, chegou à margem de 84,8%. O nível por índices de abandono em 2013 atingiu 1,3%, e em 2015, foi de 1%. O índice de reprovação em 2013 alcançou 21.1% e em 2015, atingiu 14.2%. A nota do IDEB para essa instituição em 2013 foi de 4 e, em 2015, atingiu 4.6. Diante disso, a escola não atingiu a meta de 6 pontos e até 2022 o objetivo único do IDEB é alcançar os 6 pontos de média, que corresponde à média do sistema educacional dos países desenvolvidos.

Foi realizada a pesquisa dos dados de abandono, aprovação e reprovação para o ano de 2017, mas a escola não divulgou essas informações, foi feita uma busca no site do IDEB e não foi possível encontrar os dados, pois não foi feita a divulgação com essas atualizações, encontrei apenas a nota do IDEB: 5,4.

A escola cresceu e atingiu a meta que foi 4,8 para o ano de 2017, porém não atingiu a meta de referência com valor de 6,0. O parâmetro de desempenho da referida escola segundo o site da SMED, aponta como situação: melhorar. Significa que atingiu e cresceu na meta prevista para o ano de 2017, mas não atingiu a meta de referência, diante disso, o desafio da instituição de ensino é melhorar o ritmo para alcançar a meta.

O cálculo do IDEB é baseado em dois componentes, na taxa de rendimento escolar (aprovação) que é obtido através do Censo Escolar. E dos quais são atualizados anualmente, assim como as médias de desempenho que são adquiridas através dos exames que são aplicados pelo INEP. O cálculo do IDEB é gerado através das avaliações com os estudantes, assim como questionários socioeconômicos e culturais que são respondidos pelos gestores e professores.

Em 2007, foi criado o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) foi constituído para apurar a qualidade de aprendizado nacional, criar as metas para avançar com a qualidade na educação do país, o INEP é uma autarquia do Ministério da Educação (MEC).

Sobre as metas definidas pelo IDEB, o portal do INEP (2018) declara:

As metas são diferenciadas para todos, cada unidade, rede e escola, e são apresentadas bienalmente de 2007 a 2021, de modo que os estados, municípios e escolas deverão melhorar seus índices e contribuir, em conjunto, para que o Brasil chegue à meta 6,0 em 2022, ano do bicentenário da Independência. Mesmo quem já tem um bom índice deve continuar a evoluir. No caso das redes e escolas com maior dificuldade, as metas prevêm um esforço mais concentrado, para que elas melhorem rapidamente, diminuindo assim a desigualdade entre esferas, com apoio específico previsto pelo Ministério da Educação para reduzir essa desigualdade. (INEP, 2018)

Diante do exposto acerca das metas e notas do IDEB e partindo para uma reflexão acerca desse processo de avaliação para as instituições de ensino com a finalidade de promover qualidade de ensino para um país, podemos evidenciar que avaliar através de parâmetros delineados por medidas é um risco, quando outras questões que envolvem a escola não são avaliadas.

Já são definidos os números e as metas, além das avaliações que são realizadas por instituições externas. Entretanto, a proposta dessa avaliação envolve a participação da gestão e comunidade escolar com os questionários socioeconômicos e culturais, bem como ações da gestão escolar para redução de evasão nas instituições de ensino, portanto a busca por políticas públicas de permanência, participação e acesso para esses sujeitos.

As escolas são distintas, as comunidades que frequentam esses espaços também são e as intervenções pedagógicas realizadas para esses sujeitos são as mais variadas, trata-se de realidades que diferem uma das outras e as avaliações externas acabam por categorizar todas essas escolas e sujeitos através de números e metas.

Diante disso, todos os educadores devem estar em constante reflexão e buscando ações para mudança desse cenário educacional envolto de rótulos, comparações entre os educandos. Diante dessa reflexão acerca da avaliação, trago a contribuição de Luckesi:

Um educador, que se preocupe com a sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está caminhando os resultados de sua ação. A avaliação, neste contexto, não poderá ser uma ação mecânica. Ao contrário, terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social. (LUCKESI, p. 46, 2005).

Partirei da premissa que a educação deve levar em conta inúmeros fatores para determinar a qualidade educacional do país. Dessa forma, devem-se levar em conta questões culturais dos estudantes, condições materiais e imateriais, gestão escolar, infraestrutura escolar, políticas públicas, formação inicial e continuada dos professores entre outros.

A avaliação é um processo educacional de constante reflexão, dessa forma os resultados obtidos são provenientes de ações anteriores. Todos são responsáveis e precisam consolidar práticas avaliativas que o façam refletir sobre suas ações, sendo esses professores e gestores. As medidas criadas pelas políticas públicas que são direcionadas, muitas vezes, para ações de indicação de resultados e não de qualidade, não devem ser as únicas motivadoras para que os educadores e gestores escolares movam-se para ações que proporcionem uma qualidade de ensino para seus sujeitos.

Em relação à avaliação na modalidade EJA, existe o processo de certificação do Enceja (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos). Essa é uma avaliação para que os sujeitos da EJA realizem uma prova com o objetivo de receberem a certificação do Ensino Fundamental e Médio. Dessa forma, podem concluir essa etapa de estudos com a possibilidade de dar continuidade, ingressando em uma faculdade, um curso técnico para buscar um emprego ou obtendo o certificado para realizar concursos públicos. Essa avaliação teve a sua primeira edição em 2002 e também é realizado pelo INEP e tem a colaboração da secretárias estaduais e municipais de educação.

De acordo com o site do INEP (2018), é possível encontrar as finalidades para avaliação do Encceja e uma delas chamou-me atenção: “Construir uma referência nacional de auto avaliação para jovens e adultos por meio de avaliação de competências, habilidades e saberes adquiridos em processo escolar ou extra escolar”. (INEP, 2018).

Diante dessa finalidade atribuída para a avaliação da EJA, podemos compreender que o objetivo é referenciar nacionalmente uma auto avaliação para a modalidade EJA que envolva competências e habilidades que são adquiridas tanto no espaço escolar como na aprendizagem que é adquirida fora dos muros da escola: na vida. Se essa finalidade for realmente contemplada nas avaliações do Encceja confiará o respeito e a singularidade desses sujeitos, bem como uma avaliação que os contempla verdadeiramente.

Diante das questões anteriormente expostas, foi elencado a continuidade de informações acerca da caracterização desse espaço escolar para maior conhecimento do lócus de pesquisa.

A alimentação é oferecida na escola, os educandos chegam e encaminham-se para o refeitório, espaço onde recebem a alimentação antes de iniciar as aulas as 18h50min.

As merendeiras servem o lanche no balcão que fica entre a cozinha e o espaço com as cadeiras e mesas do refeitório. A oferta do lanche no noturno difere da alimentação que é oferecida no diurno, essa é uma informação observada através das falas de alguns estudantes durante o período de pesquisa, muitos reclamam que no período da manhã a alimentação é melhor e mais diversificada, os sujeitos que apresentam esse discurso são estudantes que têm filhos, netos e sobrinhos estudando no turno oposto. A oferta de alimentação nas escolas é importante para o desenvolvimento cognitivo, psicomotor, afetivo e social dos sujeitos para um bom desenvolvimento educacional o estudante necessita estar bem nutrido, o que auxilia sua saúde de forma ampla, fazendo assim bom uso de suas funções orgânicas.

Para compreensão acerca da merenda escolar o site do FNDE (2018, sobre o PNAE) afirma que

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) oferece alimentação escolar e ações de educação alimentar e nutricional a estudantes de todas as etapas da educação básica pública. O governo federal repassa, a estados, municípios e escolas federais, valores financeiros de caráter suplementar efetuados em 10 parcelas mensais (de fevereiro a novembro) para a cobertura de 200 dias letivos, conforme o número de matriculados em cada rede de ensino. (FNDE, 2018)

Diante dessa contribuição retirada do site do FNDE (2018, sobre o PNAE), consideramos que todos os estudantes têm direito a uma alimentação escolar de qualidade sem distinções. Na escola onde foi feita a pesquisa de campo encontramos o discurso sobre uma alimentação diferente do turno oposto, diante disso foi feita uma pesquisa junto ao PNAE para compreensão do valor ofertado para alimentação nas escolas.

Foi possível identificar, através do site do FNDE (2018, sobre o PNAE), que os valores repassados pela União a municípios e estados para a oferta da alimentação para cada aluno por dia letivo é diferente para cada modalidade de ensino: creches recebem o valor diário/aluno de R\$ 1,07, Pré Escola- R\$0,53, Ensino Fundamental e Médio- R\$ 0,36, Escolas Indígenas e Quilombolas - 0,64, Educação de Jovens e Adultos- R\$0,32, Ensino integral – R\$1,07, Escolas de Ensino Médio em tempo integral –R\$ 2,00, Estudantes que frequentam Atendimento Educacional Especializado no contra turno – R\$ 0,53.

O direito a uma alimentação de qualidade que auxilie no bom desenvolvimento do sujeito de forma global é considerado através do próprio programa de repasse dos valores da alimentação na escola (PNAE) como distintos. Dessa forma, traz a reflexão para a gestão escolar, os governantes e para sociedade acerca dos valores determinados para a compra dessa alimentação que em sua grande maioria são para sujeitos inseridos em realidades diversas que envolve pobreza, falta de recursos, entre outras singularidades provenientes de cada comunidade escolar.

Diante dessa realidade, é possível refletir acerca de como os gestores dessas escolas administram esses valores e conseqüentemente a merenda escolar, visto que a merenda escolar é, muitas vezes, a única alimentação de alguns sujeitos, além daqueles estudantes da Educação de Jovens e Adultos que muitas vezes chegam na escola direto do trabalho e não conseguem dar continuidade aos estudos pela falta de nutrição alimentar. Durante a observação, foi possível ouvir falas de alguns alunos que diziam: “Professora, a senhora pode me liberar por que estou com fome e a merenda hoje foi só quatro biscoitos e nem suco tinha”. É importante ressaltar que a maioria dos dias observados na escola o suco oferecido no lanche da escola era um suco artificial de caju, que não contém valores nutricionais para seus estudantes.

O impasse entre a diferença da merenda dos alunos do diurno e do noturno é gerado inicialmente, pelo próprio valor repassado as escolas. A gestão escolar diante dessa realidade deve administrar de forma correta o valor repassado para escola e deve proporcionar merenda com uma nutrição adequada a esses estudantes, com auxílio de uma nutricionista, como o próprio PNAE determina.

Durante o tempo de pesquisa, vários dias os estudantes foram dispensados mais cedo por problemas no abastecimento de água na escola. O motivo desse problema era externo, segundo informações de funcionários da escola, e a Embasa era comunicada sempre.

Foi observado que o banheiro do qual é destinado aos estudantes da escola, possui acentos sanitários para estudantes da Educação Infantil, entretanto a escola não possui estudantes da educação infantil em nenhum dos turnos, pois esse segmento não é oferecido pela instituição. Portanto, durante a construção da escola os acentos sanitários foram instalados e correspondem ao uso de crianças entre 2 e 5 anos.

Os banheiros com acentos sanitários do tamanho ideal para um adulto são reservados para os professores e funcionários da instituição de ensino. Diante dessa realidade, surge a questão: Por que os estudantes não utilizam esse banheiro com sanitários adequados, e por que os mesmos são destinados apenas para os funcionários?

Durante a pesquisa, direcionei-me ao banheiro e, ao utilizar o acento sanitário, tive muita dificuldade, foi necessário segurar-me nas paredes, para tentar o equilíbrio e essa tentativa foi muito desconfortável.

Dessa forma refletimos, essa instituição foi estruturada para receber estudantes da modalidade da EJA? Além desse público noturno, os estudantes do Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano, também utilizam o mesmo banheiro que tem os acentos sanitários destinados à Educação Infantil, que acaba gerando desconforto ergonômico para utilização do mesmo.

Quando foi questionada a gestão escolar sobre as condições ergonômicas acerca da utilização do banheiro, a mesma informou que já haviam solicitado a troca dos acentos junto a SMED, mas que até hoje não obtiveram retorno da administração.

A biblioteca da escola está em processo de construção, ainda não existe uma organização das matérias e livros da instituição em formato de biblioteca, a escola informou que esse espaço ainda não está pronto para receber os alunos. Alguns estudantes durante a pesquisa relatam a falta que eles sentem da disponibilização de utilização da biblioteca para ajudar principalmente na leitura deles e para auxiliar na produção de suas atividades.

Para essa reflexão o Manifesto IFLA / UNESCO reitera que a missão da biblioteca escolar é: “promover serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios”.

O conhecimento dessa realidade faz-nos refletir sobre esse serviço que é tão elementar para o desenvolvimento educacional dos sujeitos. A escola observada possui um espaço para funcionamento de uma biblioteca, porém o mesmo não se encontra pronto para atender os estudantes, dessa maneira, não existe a biblioteca que seria mais um espaço de estímulo para práticas leitoras no ambiente escolar.

Os recursos materiais que a escola disponibiliza para as aulas, como datashow e televisão devem ser solicitados anteriormente e dessa forma seriam agendados pelos professores para sua utilização, contudo durante a observação não foi utilizado nenhum desses suportes nas aulas.

As novas tecnologias estão inseridas em todos os espaços da sociedade e a utilização desses recursos tecnológicos digitais no chão da escola proporcionariam aulas da EJA com maior praticidade, criatividade, interação, além das inúmeras possibilidades como visualização de filmes, vídeos, músicas entre outros.

A escola possui espaços extensos mas pouco utilizados pelos estudantes. Os locais mais frequentados pelos alunos são as salas de aula. Não existe uma organização em relação à utilização dos outros ambientes para aprendizagem com momentos de troca e interação. Diante disso reflete-se que o espaço escolar deve ser incentivado para que os sujeitos da EJA se sintam acolhidos e atuem nesse lugar como seres pertencentes do mesmo.

Sobre a sala de aula, observa-se que as paredes são compostas com alguns cartazes que foram produzidos pelos próprios estudantes.

O alfabeto possui o tamanho de uma cartolina e fica fixado ao lado da lousa o ponto onde está disposto não ajuda na visualização de todos os estudantes, pois quem senta atrás dele tem dificuldade pelo tamanho da letra e quem senta do lado oposto ao que o alfabeto é fixado tem dificuldade para enxergar as letras. O alfabeto deveria estar disposto no centro do quadro, com letras maiores para que a visualização fosse contemplada por todos os educandos, visto que a maioria ainda recorre a esse recurso como base para sua escrita.

Esse recurso pedagógico serve para auxiliar no processo de aquisição da base alfabética desses educandos, visto que a turma se encontra em processo de alfabetização.

A sala de aula possui poucos recursos para esses estudantes. Os cartazes permanecem os mesmos por muitos meses. Durante as observações foi verificada a data de alguns cartazes e os mesmos pertenciam a trabalhos realizados no início do ano letivo de 2018. É importante permanecer alguns trabalhos com temáticas que possuam um objetivo a ser alcançado, mas é necessário a atualização desses recursos. A organização da sala de aula é bem tradicional, as cadeiras ficam em formato de fila.

Em relação a essa organização da sala de aula, refletimos com uma contribuição de Freire (2011):

Estamos nesta sala. Aqui funciona um Círculo de Cultura. A sala está organizada de uma certa maneira. As cadeiras, a mesa, o quadro negro, tudo ocupa um certo lugar na sala. Há cartazes nas paredes, figuras, desenhos. Não seria difícil para nós organizar a sala de forma diferente. Se sentíssemos necessidade de fazer isto, em pouco tempo, juntos, poderíamos mudar completamente a posição das cadeiras, da mesa, do quadro- negro. A reorganização das salas, em função das novas necessidades reconhecidas, exigiria de nós um pouco de esforço físico e o trabalho em comum. Deste modo, transformaríamos a velha organização da sala e criaríamos uma nova, de acordo com outros objetivos. (FREIRE, 2011, p. 88)

Diante dessa contribuição de Freire (2011), é fundamental que os docentes estejam em constante reflexão acerca de como está disposta a sala de aula e seus suportes. A reorganização de uma sala reflete no melhor aproveitamento dos sujeitos.

Nas áreas externas, não foi possível identificar a utilização desse recurso pedagógico com mais ênfase. Alguns cartazes expostos na área externa são antigos e referem-se muitas vezes a datas comemorativas que já passaram. Dessa forma, não existe uma atualização temporal em relação à exposição dos mesmos.

O mural da escola, que fica situado no pátio da escola no hall de entrada, encontrava-se com poucas informações, dessa maneira o mesmo estava desatualizado. O mural da escola poderia ser utilizado para atualização de notícias do bairro, da cidade, curiosidades, entre outras informações importantes para comunidade escolar. Além disso esse espaço poderia ser utilizado para incentivar os educandos a práticas leitoras.

A utilização de recursos visuais como cartazes e murais ainda é pouco utilizado tanto nas salas de aula como nos espaços externos da escola. Esses são recursos visuais que deveriam estar presentes nesses espaços educativos com maior concentração e riqueza pedagógica. Os mesmos auxiliam no processo de ensino aprendizagem, aguçam a curiosidade, criticidade e auxiliam no desenvolvimento da competência leitora dos estudantes que circulam e vivenciam nesses espaços.

O Projeto Político Pedagógico foi solicitado para a Gestão Escolar e a informação encontrada foi que o documento estava sendo reformulado. Diante disso, a vice-diretora informou que não poderia ser feita a análise desse documento antes das reformulações devidas.

Diante dessa realidade, é possível refletir que esse é um documento indispensável em uma instituição de ensino, nele rege toda a organização pedagógica, administrativa de uma escola e mesmo sendo tão relevante, muitas vezes quando solicitado não é disponível ou encontra-se em reformulação.

A caracterização do espaço escolar permite-nos a reflexões em prol da comunidade escolar como todo, encontramos algumas problemáticas que necessitam de um novo olhar para a melhoria da dinâmica escolar refletindo na qualidade e no sistema de educação da mesma. O estudo seguirá com o capítulo que retrata como as histórias de vida dos sujeitos da pesquisa contribuem nas propostas metodológicas em sala de aula.

5 SONHOS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: COMO AS HISTÓRIAS DE VIDA CONTRIBUEM EM SALA DE AULA

O presente capítulo tem como objetivo o estudo reflexivo sobre as histórias de vida dos sujeitos da EJA e a importância das histórias desses sujeitos nas propostas metodológicas em sala de aula.

Início com uma apresentação dos caminhos que trilhei para chegar até o objetivo da pesquisa. No subcapítulo posterior encontra-se os dados coletados na pesquisa de campo. Seguido pelo último subcapítulo que dispõe da apreciação de um memorial formativo, que retrata a história de vida de minha mãe, educanda egressa da EJA; nesse memorial encontra-se a história de vida da infância e os seus caminhos pela modalidade da EJA até chegar à UFBA.

Dessa forma, serão dispostos, nesse capítulo, as análises críticas reflexivas sobre o que foi encontrado no espaço escolar, os dados que foram coletados com o auxílio das observações, das entrevistas presenciais e a análise do memorial formativo que contribui significativamente para reflexão acerca do perfil dos discentes da EJA e acerca das propostas metodológicas dispostas no tempo em que a educanda estudou. O objetivo geral do estudo foi analisar se as histórias de vida na EJA, estavam sendo contempladas nas propostas metodológicas em sala de aula.

5.1 OS CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa de campo intitulada, “A importância das histórias de vida: uma proposta metodológica no chão da escola para os educandos da EJA”, iniciou-se no chão da escola no dia 01 de outubro de 2018 e terminou no dia 19/11/2018, no turno do noturno, de 18h 50 min as 21h.

Antes de iniciar a pesquisa de campo na instituição, foi solicitada a autorização da gestão escolar para fazer as observações e a pesquisa, retratei os objetivos e a

temática a ser estudada, em seguida, foi marcado o dia de início das observações em sala de aula.

Ao chegar na instituição, no primeiro dia 01 de outubro, fui apresentada pela vice-diretora para a turma que me acolheu nesse período.

Nesse espaço, consegui no terceiro dia de pesquisa, compartilhar com os estudantes a minha história de vida e de minha mãe (companheira no processo de pesquisa), esse momento de sobre as nossas histórias de vida, os educandos se propuseram a prestar atenção às nossas histórias, bem como refletiram sobre as suas próprias histórias. Alguns encontraram pontos em comum com a história de vida relatada por minha mãe, das dificuldades no processo de ensino aprendizagem atrelado ao mundo de trabalho e aos inúmeros percalços que ela enfrentou na vida.

Dessa forma iniciei a minha pesquisa de campo com a oportunidade de explanar reflexões acerca de minha história de vida que foi entrelaçada a história de vida de minha mãe, uma educanda que vivenciou os estudos na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos e esforçou-se para que minha educação sempre fosse de qualidade e que não houvesse truncamentos como os que ela passou devido a singularidades de uma história carregada de acontecimentos no contexto pessoal, familiar e profissional. Com essa oportunidade de ouvir a história do outro, os estudantes repensavam suas histórias e se identificavam com a história de minha mãe e com a minha, que até aquele momento também eram sujeitas desconhecidas por eles, como alguém que compartilha de vivências distintas, iguais ou parecidas com a história de vida deles.

Escrever e compartilhar história de vida é abrir o olhar para o mundo que lhe cerca, é interpretar as entre linhas, é resgatar memórias doces e outras um tanto amargas e essas nos fortalecem.

A turma observada nesse período foi o TAP II, que corresponde ao 2º ano da Educação Fundamental, e do 1º segmento da EJA, a sala onde foi realizada a pesquisa contempla uma faixa etária diversificada, composta em sua maioria por

estudantes adultos e idosos (com faixa etária entre 30 a 70 anos), com apenas 3 (três) jovens com a faixa etária de 16 a 22 anos.

A turma é composta por 23 (vinte e três) educandos matriculados, mas apenas 16 (dezesesseis) frequentam a escola de forma regular.

A realidade de vida no mundo do trabalho de que esses sujeitos fazem parte é envolta de algumas dificuldades como já elencamos no início do trabalho, e diante disso muitos faltam às aulas na instituição devido à sua jornada de trabalho que muitas vezes impede a presença deles na escola todos os dias.

A professora, durante as aulas, utilizava atividades impressas, o quadro branco para anotações de atividades e os estudantes faziam a cópia para seus caderno. Depois, era discutido o assunto da aula. A professora explicava a atividade e os educandos eram incentivados a responder individualmente, e quando necessitassem do auxílio a docente orientava de forma individualizada ou coletiva.

Quando os discentes terminavam as atividades, a professora dava o visto no caderno e corrigia individualmente ou fazia correções com todo o grupo no quadro.

A professora durante as aulas contextualizou os acontecimentos políticos que estávamos vivenciando no Brasil: as Eleições de 2018 para Deputados, Governadores, Senadores e o Presidente, esse momento histórico político e social trouxe inúmeras reflexões acerca de nossas escolhas enquanto sujeitos de direitos e deveres e do cenário político que estávamos vivenciando, foram proporcionados momentos para compartilhar os conhecimentos de mundo do ontem, o hoje e o amanhã, bem como foi possível desenvolver a criticidade desses sujeitos.

As atividades propostas eram a construção de pequenos textos sobre a temática que estava em constante debate nas redes sociais, na comunicação através do rádio, da televisão entre outros.

Nesse momento de construção das ideias oralmente, a turma participava ativamente das discussões com os colegas e professores, mas quando era solicitado que escrevessem no quadro ou em seus cadernos a dificuldade e receio de errar eram nítidos.

Passar para o papel suas ideias tornava-se um processo difícil, muitas vezes alguns estudantes repetiam a frase: eu não sei escrever, pró tem que escrever quantas linhas? Pró, está bom só essas linhas? A dificuldade para escrita, muitas vezes, bloqueava os educandos que ainda não sabiam ler e escrever.

A escola fornecia o livro didático “Educação de Jovens e Adultos- Alfabetização” de Maria Beatriz de Campos Elias da Editora Moderna, mas o mesmo não era utilizado pelos educandos. A professora informou que eles não tinham a base alfabética adquirida e não sabiam ler e que eles tinham dificuldades com a linguagem disposta no material didático. A letra do livro era de imprensa, e os estudantes utilizavam ainda a letra bastão visto que os mesmos se encontram em processo de aquisição da base alfabética ela informou que a identificação das letras no livro era muito difícil e ela preferia não utilizar o material, pois confundia os estudantes e não auxiliava no avanço pedagógico dos mesmos.

Diante dessa dificuldade, não houve um incentivo maior para que esses alunos utilizassem esse recurso e adquirissem a habilidade de manusear um livro e compreendê-lo, além das inúmeras habilidades de prática de escrita e leitura que um recurso desses proporciona para esses sujeitos.

Os estudantes não conseguiam acompanhar o livro devido dificuldades existentes que são encontradas em salas de alfabetização, mas que não deve anular a utilização do mesmo para o processo de ensino aprendizagem.

Durante a pesquisa, foi possível observar que os educandos não eram assíduos, muitos faltavam devido a jornada de trabalho, outros porque participavam de grupos nas igrejas, que os afastavam da escola nos dias em que havia as reuniões e cultos.

Dessa forma, assegurei o sigilo sobre a identidade dos sujeitos participantes, salvo aqueles que apresentassem o desejo de ter sua identidade revelada. Neste sentido, informo que os nomes dos estudantes entrevistados foram alterados e não correspondem ao nome dos mesmos.

A realização das entrevistas foi feita com auxílio de um questionário que seria respondido, oralmente, pelos entrevistados e a pesquisadora tornou-se a escriba dos participantes.

Durante a realização da parte prática da pesquisa, mostrei para a turma a relevância que eles tinham para a minha pesquisa tanto de cunho institucional como social. Expliquei que a pesquisa não traria nenhum ônus financeiro, bem como não acarretaria riscos à sua integridade física e não ofereceria riscos à sua dignidade. Os 07 (sete) estudantes que contribuíram com a pesquisa assinaram em duas vias do TCLE para comprovação de suas participações.

Os sujeitos da EJA retornam para o chão da escola a fim de construir conhecimento e realizar sonhos interrompidos. Diante disso a aprendizagem dos sujeitos da EJA deve ser direcionada para construir conhecimento coletivamente e individualmente, buscando uma prática que envolva criticidade, respeito, direitos e que reflitam a existência de si e dos outros, assim o processo de ensino aprendizagem possibilitará a formação de sujeitos a partir da reflexão de suas histórias, promovendo dessa maneira uma educação libertadora.

Durante a pesquisa, busquei, com a entrevista, basear-me na reflexão crítica acerca dessas histórias de vida desses sujeitos da EJA, de suas vivências, singularidades, suas bagagens de mundo e das expectativas de aprendizagem dos mesmos.

É relevante elencar que esse questionário não foi engessado, durante a pesquisa, e através do diálogo durante a entrevista existiu a flexibilidade para coleta de dados, assim o participante e o pesquisador acrescentaram outras perguntas e

direcionamentos para a entrevista. Durante a pesquisa foi respeitado o tempo entre o diálogo e as respostas do entrevistado.

Durante a observação, foi possível identificar que a professora, durante as aulas, sempre buscou incentivar seus educandos em prol da frequência assídua, mostrando a importância da presença deles nas aulas. Quando um estudante faltava, ela buscava através do diálogo compreender a ausência do mesmo, diante disso ela buscava informações através dos colegas.

Ela sempre buscava o diálogo com seus estudantes e, no dia em que o aluno ausente retornava à escola ela era receptiva e perguntava ao aluno o que motivou a sua ausência, diante da resposta do educando ela sempre incentiva-o acerca da importância de sua frequência nas aulas para avançar no aprendizado. Em relação ao diálogo dessa professora com seus educandos, Freire (2018, p. 114) traz uma contribuição quando diz: “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem está não há verdadeira educação”.

O diálogo é fundamental na ação educadora, sem ele não existe educação, o diálogo para além da comunicação é parte fundamental para reflexões críticas, a partir dele o sujeito dialoga e aprende. Esse posicionamento da professora em buscar o contato com seus alunos de forma presente e dialógica é fundamental para os processos educacionais. A partir do diálogo é possível conhecer de perto seus estudantes e através dessa comunicação envolta de significados o profissional deve estar atento para tomada de decisões em prol do sujeito respeitando suas histórias de vida e as contemplando em suas propostas metodológicas.

Alguns estudantes saíam com frequência das aulas e permaneciam nos outros espaços da escola alguns informavam que iriam ao banheiro e, muitas vezes demoravam para retornar para sala. Diante dessa situação, a professora em alguns momentos, saía da sala de aula e ia ao encontro do estudante, tentando incentiva-lo para continuar suas atividades em sala. Em outros momentos, a professora dava continuidade às aulas, mesmo com a falta de alguns estudantes em sala, a rotina das

aulas envolvia explicação de algum assunto e, depois, aplicação de atividades no quadro para que os estudantes fizessem a cópia e respondessem em classe essas atividades. Nesse tempo, entre a explicação, a interação dos estudantes e a realização das atividades, a professora sempre estava disposta a ajudar os estudantes para sanar suas dúvidas.

Através da observação, a pesquisadora teve contato direto com a realidade vivenciada. Com a observação, ativa foi possível compreender o desenvolvimento dos estudantes, a rotina dessas aulas, bem como a ausência de alguns educandos em determinados dias, sendo essa ausência motivada por: trabalho, doença, saída antecipada por que sentiam fome e a alimentação da escola não supria as suas necessidades, grupo de futebol profissional onde o estudante em treino não conseguia frequentar todas as aulas, grupos de igreja dos quais eram responsáveis por conduzir algum estudo bíblico, além da ausência de alguns educandos, pois o horário dos cultos das igrejas em que eles frequentam coincidem com o horário das aulas na escola.

Em uma das observações, a professora escreveu no quadro: “O que eu desejo para o futuro do Brasil? ”A professora pediu para os educandos exercitarem os pensamentos e refletirem sobre a frase, para depois compartilharem o que pensam com os colegas. Passaram-se 20 minutos e a professora solicitou que cada um compartilhasse o que pensou acerca da pergunta motivadora que ela havia escrito no quadro.

Os posicionamentos que surgiram foram: “um Brasil menos violento”, “melhorar a educação do país e diminuir a quantidade de alunos com armas”, “menos criminalidade, mais honestidade e segurança” “oportunidade para os jovens”, “atividades para ocupar a mente das crianças”, “mais hospitais e mais saúde”, “que as pessoas parem de votar em troca de favores”, “mais emprego”, entre outros comentários acerca da pergunta motivadora disposta no quadro.

Esse momento de discussão acerca do que eles desejam para o futuro do Brasil, possibilita a reflexão crítica desses estudantes em relação a temas diversos, dos quais fazem parte das suas rotinas individuais e coletivas.

Essa proposta metodológica disparada pela professora desenvolve e incentiva o pensamento crítico reflexivo desses sujeitos, traz a possibilidade de compreender quais os desejos, anseios e considerar até as dificuldades individuais e coletivas daquele grupo, conseqüentemente, daquela comunidade em que a escola está inserida. O professor precisa conhecer o perfil de seus estudantes para atuar pedagogicamente com propostas metodológicas que contemplem esses sujeitos em suas singularidades. Para somar sobre essa reflexão Freire retrata sobre a importância da investigação de temas geradores:

A investigação dos temas geradores ou da temática significativa do povo, tendo como objetivo fundamental a captação dos seus temas básicos, só a partir de cujo conhecimento é possível a organização do conteúdo programático para qualquer ação com ele, se instaura como ponto de partida do processo de ação, como síntese cultural. (FREIRE, 2018, p. 248).

O professor deve atuar sempre como investigador e, conseqüentemente, um pesquisador, o direcionamento de suas propostas serão apoiadas no conhecimento do perfil de seus discentes, dessa, maneira aquele que não conhece o seu público não terá resultados significativos, pedagógicos, implicando no desenvolvimento desses sujeitos. Investigar temas geradores acarreta contemplar significativamente esses estudantes.

No subcapítulo seguinte, encontram-se os dados dispostos a partir da pesquisa de campo, com a análise das entrevistas realizadas com os sujeitos da EJA, dessa forma reflete-se criticamente acerca das propostas metodológicas que a classe da EJA é proporcionada, observam-se nesses dados se os educandos têm sua singularidade e suas histórias de vida são contempladas nas salas de aula.

5.2 A ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E DAS ENTREVISTAS: UMA VISÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

O presente subcapítulo abordará os dados coletados na pesquisa de campo realizada numa Escola Municipal da cidade de Salvador no ano de 2018. A pesquisa de campo foi realizada no turno noturno, com os estudantes do TAP II, referente ao 2º ano da Educação Fundamental I, nessa sala o público era diversificado, contendo 23 estudantes matriculados, e 16 (dezesesseis) frequentando regularmente. Na sala de aula observada encontravam-se estudantes com faixas etárias entre 30 a 70 anos.

A pesquisa iniciou no dia 01 de outubro e findou no dia 19 de novembro. As entrevistas foram realizadas iniciando na primeira semana de novembro, especificamente no dia 05 e finalizou no dia 13 de novembro. Para realização dessa análise de pesquisa foram entrevistadas 7 (sete) estudantes.

Antes das entrevistas, a pesquisa de campo contou com observações feitas em sala de aula, das quais foi possível conhecer o perfil desses educandos mais de perto, além das observações acerca das propostas metodológicas dispostas em sala de aula, dessa forma foi possível a reflexão crítica acerca dos objetivos específicos já elencados nesse trabalho que são: conhecer o perfil dos discentes da Educação de Jovens e Adultos; analisar criticamente se as propostas metodológicas dialogam com as histórias de vida dos sujeitos e se atendem as especificidades da EJA; compreender, através do perfil dos educandos, a importância de suas histórias de vida para o processo de aprendizagem, em prol do reconhecimento e valorização desses sujeitos.

Expliquei aos participantes que a pesquisa não traria nenhum ônus financeiro e não oferecia riscos à saúde dos mesmos. Informei que os dados coletados durante a pesquisa ficariam em sigilo, salvo eles autorizassem a exposição de nomes, dessa maneira a presente pesquisa não contará com os nomes reais dos estudantes, esses serão fictícios.

Diante das explicações, foi informado aos estudantes que para conclusão dessa pesquisa, as entrevistas seriam importantes para conferir confiabilidade ao trabalho. Depois de esclarecer e retirar todas as dúvidas, alguns estudantes foram indicando

que gostariam de participar da pesquisa em questão e com a antecipada autorização e própria orientação da professora regente fomos direcionados para outra sala.

A logística da rotina na sala permaneceu com as aulas da regente em sala e de acordo com o tempo de cada estudante, fazíamos a entrevista em outra sala, respeitando o tempo do sujeito.

Os dados coletados nas entrevistas serão dispostos nesse capítulo a fim de compreendermos se as histórias de vida dos estudantes da EJA estão sendo contempladas nas propostas metodológicas em sala de aula.

Iniciamos essa análise com a contribuição de uma educanda da EJA, participante da entrevista realizada, ela faz um comentário acerca da sua participação na entrevista, (R.S.S.C, 53 anos):

-É muito importante participar de uma pesquisa, já é uma maneira de aprender não é minha filha? Está enganado quem acha que aprendemos só na sala e com o quadro. Tudo que for para eu aprender eu valorizo. (R.S.S.C, 53 anos).

A educanda, durante a entrevista, apontou que achava relevante a sua participação nessa pesquisa, a mesma valorizou o momento e sentiu-se acolhida em um contexto diferenciado que somou para ela em uma nova possibilidade de aprendizagem e a mesma mostrou-se reflexiva, pois compreende que a educação deve ir além das práticas em salas de aula. Essa fala contribui para a compreensão que esses estudantes da EJA possuem bagagens de vida das quais muitos educadores desconhecem, alguns pela falta de reflexão acerca da importância de conhecer o perfil de seus educandos e a partir do conhecimento contemplá-los em práticas metodológicas que os valorize. Outros profissionais conhecem seus estudantes, mas continuam engessados em práticas que não respeitam as singularidades desses sujeitos.

A mesma educanda, durante a entrevista, completou o seu entendimento em relação a educação dizendo:

- Eu também aprendo nas palestras que falam da saúde, tem pouco tempo que teve uma lá na minha igreja, e aqui na escola eles também fizeram uma vez. Não é só o quadro que ensina. Poderia até ter mais palestras aqui na escola é muito bom. (R.S.S.C, 53 anos).

Através da pesquisa, a educanda compreende de maneira reflexiva que os processos de aprendizagens serão construídos a partir de outros contextos que serão dispostos fora do contexto da sala de aula, muitas vezes em espaços da comunidade local.

A compreensão acerca da relevância que uma palestra traz para a sua aprendizagem mostra o quanto precisa-se repensar práticas que extrapolem os muros da escola, visto que os sujeitos pertencem a realidades diversas das quais são bagagem e conhecimento para o contexto educativo. Em sua fala, ela retrata a importância da escola proporcionar mais palestras educativas dentro da escola.

Essa fala reverbera a nossa reflexão crítica diante do que é proposto para os educandos na escola, os outros suportes educativos são contemplados na educação? Como os estudantes aprendem? São reflexões que devem permear as discussões inclusive dos profissionais em seus planos anuais, seus planejamentos e em suas avaliações, a preparação de práticas metodológicas que vão além dos recursos já utilizados em sala de aula.

Durante a entrevista uma estudante (J. A. S, 34 anos) relata sobre as solicitações da professora, para que os educandos respondam alguma atividade no quadro:

- A pró deveria parar de pedir que a gente responda no quadro, para que eu tenho que escrever lá? Eu escrevo tudo errado! Se essa entrevista mesmo fosse para eu escrever eu não ia querer não. (J. A. S, 34 anos).

Refletindo acerca desse depoimento, o mesmo engloba vários sentimentos, desse sujeito. O professor deve estar atento aos seus educandos. Diante dessa fala, observa-se o quanto é fundamental conhecer o perfil dos sujeitos da EJA, suas singularidades, seus medos, anseios, desejos, suas marcas.

Muitas vezes a maneira como o educador atua em sala de aula dispara no sujeito da EJA até desejos de desistência por questões de ordem social e pessoal. Essa intervenção do aluno ir ao quadro e responder alguma atividade pode representar para um medo, para um outro representa valorização, para outro desafio, entre tantos outras representações e sentimentos.

A ida ao quadro inicialmente pode ser um desafio, ou um medo latente, diante dessa realidade o educador deve proporcionar outras propostas metodológicas que desenvolvam habilidades antecipadas das quais com o tempo auxiliem na construção de habilidades para utilização do quadro e de outros recursos.

As singularidades desses sujeitos devem ser respeitadas, muitas histórias de vida estão por traz dessas negações em ir para frente escrever no quadro ou até apresentar um trabalho para sala. É necessário o conhecimento do perfil desse alunado para preparação de planejamentos, avaliações, projetos e propostas metodológicas que contemplem os sujeitos.

Os estudantes entrevistados frequentam a EJA a 02 ou 3 anos, visto que uma maioria repetiu o TAP I, que compreende ao 1º ano da Educação Fundamental I. Alguns repetiram o ano por problemas pessoais, de acordo com a educanda (J. A. S, 34 anos):

- Estudo há 3 anos na EJA, mas repeti porque minha filha ficou doente e eu tive que deixar os estudos para dar conta dela, por que meu marido bebe muito e eu não confiava deixar ela sozinha com ele. Muitas vezes pensei em desistir. (J. A. S, 34 anos).

Diante desse depoimento, observamos que a vida difícil que eles vivem, vão além do que esses estudantes possam intervir. Muitos deixam os estudos por situações de saúde, emprego entre tantos outros.

Os professores devem incentivar esses estudantes e proporcionar em sala de aula uma educação que o faça sentir o desejo de voltar para o chão da escola. Diante dessa realidade de truncamentos reflete-se acerca do depoimento de uma estudante (I. P. O, 31 anos):

- Não estudei quando criança, pois ajudava meus pais na roça e depois de adulta nada deu certo, eu tive que trabalhar para sobreviver, ou escolhia comer, ou estudar. Então para não morrer eu tive que trabalhar muito. Agora que eu voltei a estudar, quero abrir um restaurante. (I. P. O, 31 anos).

Esses educandos possuem trajetórias cheias de marcas, interrupções. Esses sujeitos apresentam diferentes expectativas e sonhos, retornam para a escola em busca da realização de seus sonhos.

Diante das entrevistas realizadas, foi possível observar que o retorno desses estudantes para a escola está pautado na realização de sonhos individuais, alguns são movidos por incentivos familiares e outros por desejos próprios.

No que diz respeito a esse retorno para o chão da escola, o educando (G.M.M, 54 anos) relata:

- Eu tive o desejo em voltar a estudar depois que perdi várias oportunidades de emprego melhor. Teve uma vez que um rapaz que eu conhecia ia me dá um emprego para trabalhar na empresa dele, mas como eu não sabia ler e escrever ele disse: - o senhor trabalha direitinho, mas precisa aprender a ler e escrever. Depois desse dia eu vi que precisava voltar a estudar. Para ser alguém nessa vida você precisa ter o 2º grau. (G.M.M, 54 anos).

Os educandos da EJA compreendem que os truncamentos em sua escolarização acarretam dificuldades como arrumar um emprego. O sujeito vivência a realidade que é imposta pela sociedade, pelos opressores e diante do desejo e da necessidade em alcançar seus sonhos os mesmos retornam para o chão da escola movidos de esperança, eles buscam na escola um espaço para os recomeços. Dessa forma os professores devem estar preparados para atuarem na EJA considerando esses sujeitos a partir de suas singularidades, conhecendo seus perfis, contemplando suas histórias de vida. Sobre os professores retratarem sobre a história de vida dos estudantes e o respeito acerca de suas singularidades, a educanda (G.S.S, 66 anos) responde que:

- Logo quando a gente chegou, foi no início do ano, os professores pediram para cada um ir se apresentando, aí a gente falava nosso nome, e aquelas coisas que todos os professores fazem no início do ano, depois ela pediu para falar sobre a nossa história de vida. Depois

ela contou a história de vida dela. Sem ser esse dia, não lembro de ter feito nenhuma atividade sobre história de vida. Eu acho que poderia ter para a agente estudar sobre nós mesmos. (G.S.S, 66 anos).

Diante do depoimento da educanda, é possível compreender que o processo de conhecimento do sujeito, no início do ano letivo, é uma prática que a maioria dos professores fazem. A partir desse depoimento, reflete-se que a história de vida dos estudantes da EJA não deve ser contemplada apenas em um dia, como uma troca de diálogos nessas apresentações de início de ano.

Essa deve ser contemplada nas propostas metodológicas em sala de aula, visto que os sujeitos da EJA possuem singularidades e as mesmas precisam ser conhecidas e reconhecidas por esses educadores. Como a educação vai alcançar esses estudantes se eles não são incentivados a falar de suas histórias de vida no contexto escolar?

O depoimento que foi disposto acima retrata que os professores ainda precisam buscar o conhecimento a respeito das trajetórias de vida dos seus educandos. Buscar a historicidade desses sujeitos, onde viveram, como viveram, o que fizeram, porque se distanciaram da educação escolarizada, quais medos permeiam suas vidas, quais sonhos eles possuem, de onde vem suas raízes, a que grupo social eles pertencem, qual a sua identidade, entre tantas outras indagações e conhecimentos que os professores podem identificar.

Diante desse depoimento pode-se refletir, com a contribuição de Freire (2018, p. 95) que nos diz: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Não é possível que a educação ainda seja direcionada a uma relação de professor e aluno distante e sem problematizações que proporcionam reflexão para o desenvolvimento do senso crítico desses. O educador não é, desta maneira, aquele que transfere conhecimentos, mas o mediador do processo de aprendizagem e através da educação ele também é educado pelos sujeitos da EJA através do diálogo. A educação que é realizada sem diálogo não possibilita superar a educação bancária, em que os sujeitos estão naquele espaço para serem depósitos de saberes construídos apenas pelo educador.

Entre as entrevistas, encontramos uma educanda (M.G.J, 46 anos) que retrata acerca da mesma abordagem sobre a história de vida contemplada na sala de aula, ela nos diz:

- A pró fala da saúde, de desemprego, da política, mas eu também acho importante falar de nossa vida, a gente nunca deve esquecer o passado, a nossa origem. Foi doloroso algumas coisas que eu passei, teve coisas boas, mas a maioria não foi, a gente cresceu e fortaleceu. (M.G.J, 46 anos).

Diante desse posicionamento, compreendemos que a professora fala de assuntos como saúde, desemprego, política entre outros que foram observados durante a pesquisa de campo, esses fazem parte do cotidiano e da história de vida atual dos estudantes, contudo na própria fala dos educandos a professora não contempla as histórias de vida dos estudantes referindo-se as suas vivências anteriores ao momento presente, a sua historicidade, a singularidade desse sujeito.

Mesmo afirmando terem sido momentos dolorosos, a discente demonstra que a história de vida não deve ser esquecida, que deve lembrar-se de suas origens, pois tudo que passou foi difícil e que vivenciou momentos bons, dessa maneira foram experiências que fortaleceram a mesma.

São histórias de vida carregadas de particularidades que ninguém melhor que os próprios sujeitos para dialogar sobre as mesmas, eles necessitam de espaço, de propostas que o contemplem. Dando continuidade aos depoimentos feitos através das entrevistas, acerca das histórias de vida no contexto da sala de aula, a educanda (I. P. O, 31 anos) relatou:

- A pró nunca tinha feito nenhuma atividade que falasse de minha história de vida, ela fez pela primeira vez ontem, poderia fazer mais vezes, foi muito bom ontem. (I. P. O, 31 anos).

Diante desse depoimento, reflete-se que em uma das aulas observadas, especificamente no dia em que a professora obteve conhecimento sobre o formulário de entrevista que os alunos participariam, a mesma fez no final da aula uma atividade de intervenção que retratava a história de vida dos mesmos, os educandos perguntavam por que a professora estava fazendo aquela atividade tão diferente, nesse momento o sentimento de alguns era que essa proposta metodológica era uma

novidade, mas diante do novo eles gostaram da atividade e a fizeram com muito desejo.

A professora pediu que os mesmos fechassem os olhos e pensassem sobre suas histórias de vida, depois ela conversou um pouco com esses sujeitos sobre o passado, as dificuldades que alguns enfrentam para voltar a estudar, após essa prática ela entregou um papel ofício e lápis de cor, seguidamente orientou-os a fazerem um desenho que retratasse a brincadeira que eles mais gostavam na infância.

Essa proposta metodológica moveu a sala, os alunos participaram ativamente, muitos com sorriso no rosto, outros choraram quando estavam no momento de olhos fechados, pensando em suas histórias de vida. A maioria parecia não ter vivido nunca esse momento em sala de aula.

Retratar a história de vida como uma proposta metodológica nas salas de aula envolve uma mistura de sentimentos e lembranças, essa ação deve ser muito bem planejada para que a mesma produza um efeito educacional positivo em relação à singularidade desses sujeitos.

Os profissionais não devem atuar com a história de vida e com a singularidade do sujeito para comprovar um trabalho que contempla esses sujeitos e sim para fazer com esses sujeitos sintam-se pertencentes ao espaço escolar, sejam contemplados verdadeiramente. Essas propostas metodológicas devem atender esses sujeitos acerca de uma educação para vida, para a liberdade, para o sentimento de pertencimento, para serem sujeitos críticos e reflexivos de suas próprias realidade.

Assim como as avaliações externas não devem medir os sujeitos, a presença de um observador não é para medir o desempenho do educador mediante a sua turma. O docente deve refletir suas práticas e posicionar-se em relação as suas propostas metodológicas, repensando as mesmas.

Diante dessas reflexões em relação à história de vida dos sujeitos dessa instituição, partiremos para a coleta de dados situando as perguntas que foram feitas aos

estudantes de acordo com o apêndice A – no qual conta o modelo de questionário aplicado no estudo.

A questão 01: “Nome completo, idade e estado civil do discente? Diante da pergunta, todos responderam, contudo no trabalho não será disposto o nome dos estudantes visto que o mesmo tem caráter de sigilo como acordado com a escola e os estudantes. A idade dos educandos entrevistados varia entre 17 anos e 66 anos.

Para questão 02: “Em que cidade e estado você nasceu? ” Todos responderam e a maioria dos entrevistados nasceram na cidade de Salvador- Ba, uma nasceu em Feira de Santana- Ba, e a outra em Jequié- Ba.

Na questão 03: “Qual a sua profissão? ” Nessa pergunta, alguns entrevistados tiveram dificuldade no momento de falar sobre suas profissões, alguns antes de dizer o nome da profissã,o explicavam o porquê de estarem desempenhando essa função. Nesse momento a entrevista encaminhou-se respeitando o tempo desses sujeitos para responder à pergunta, respeitando a singularidade de cada um. As respostas foram variadas: empregada doméstica, vendedor, dona de casa, jogador de base do vitória e babá.

Para a questão 04: “Você tem filhos? Quantos? Quem mora com você? A maioria dos entrevistados respondeu que tem filhos entre 2 ou 3, no geral os sujeitos moram com esposo, filhos, irmã ou sozinho.

A questão 05 foi: “Qual grau de escolaridade dos seus pais? ” Para essa pergunta uma parte respondeu que seus pais não eram alfabetizados, outros falaram que seus pais sabiam ler mais não sabiam escrever e uma parte os pais também não estudaram. Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos são acometidos as mesmas problemáticas de seus pais, por começarem a trabalhar cedo para ajudar em casa. São problemáticas sociais que vão além do que os sujeitos da EJA possam intervir, os seus direitos são negados muitas vezes desde a sua infância.

Já na questão 06: “Você frequentou a escola quando era criança? Por quanto tempo? A maioria dos entrevistados não frequentou a escola quando criança, por motivos diversos, existiam aqueles sujeitos que tinham que trabalhar para ajudar a família e para sua própria sobrevivência, outros casos que a família não incentivava. Os discentes demonstraram tristeza quando retratavam de sua infância, diziam que o que mais queriam era ter estudado, porém não conseguiram avançar nos estudos devido as interferências pessoais e sociais a que foram acometidos. Seguem algumas falas:

- Não frequentei a escola quando criança, comecei a trabalhar na roça com meus avôs quando eu tinha 8 anos. Eu não me interessei em estudar, perdi muitas oportunidades de trabalho por falta de estudo, quem não tem o 2º grau sofre muito. (G.M.M, 54 anos).
- Não estudei não, eu tinha que andar quilômetros para chegar na escola, eu ficava em casa ajudando minha mãe com os irmãos menores. (I. P. O, 31 anos).
- Eu trabalhei desde muito nova, ou trabalhava ou passava fome, comecei com 10 anos ajudar meus pais e não consegui estudar porque tinha que trabalhar. (M.G.J, 46 anos).
- Sim estudei, parei por 3 anos quando tinha 13 anos, porque eu fui para São Paulo para um campeonato de futebol e tive que decidir entre meus estudos e meu sonho. (R.C.S, 16 anos).

A base da sociedade humana é o trabalho, os sujeitos vendem sua força de trabalho para poder sobreviver, uma grande parte dos estudantes da EJA não estudaram, pois, desde cedo, ajudam seus pais e sua família trabalhando para suprir suas necessidades. Conforme a pesquisa, outros deixaram de estudar pela distância entre sua casa e a escola, dessa maneira não haviam, recursos que possibilitassem a locomoção desses sujeitos para a escola e muitos deixavam de estudar. Ainda na coleta de dados da pesquisa, foi possível identificar uma outra geração, os adolescentes e jovens da sociedade atual que se afastaram da educação para realizar algum sonho como o de ser jogador de futebol. Esse sonho os afastou por um período da escola.

Na questão 07: “Se estudou quando criança, porque teve que parar de estudar? O que mais marcou nesse tempo?” A maioria dos estudantes entrevistados responderam que os motivos eram familiares, por que precisavam trabalhar para

ajudar em casa, moravam longe da escola, porque a família não incentivava nos estudos, algumas famílias não acreditavam que a educação trouxesse mudança de vida e a consideravam desnecessária. Houve uma resposta que faz-nos refletir acerca do posicionamento da mãe.

- Eu frequentei um período, mas meus pais ficavam feito cigano, minha mãe não pegava a transferência e isso atrapalhava eu estudar. Todos os meus oito irmãos não estudaram, assim como eu. A minha mãe achava que a gente não precisava estudar porque ela trabalhava em casas e os “filhos de papai” estudavam e só davam para o que não presta. Ela acabou prejudicando muito a gente. Eu tinha um irmão, o mais velho, era o único que ela fazia questão que estudasse, ela dizia: eu só preciso de um, que saiba ler e escrever para ajudar. Lembro que se fosse fazer compra levava ele, se chegasse a correspondência era ele que lia. (J. A. S, 34 anos).

Os sujeitos são submetidos ao posicionamento de seus pais em relação à vida. Muitos deles não estudaram, ou se afastaram da escola por que seus pais não consideravam os estudos importante, alguns vivenciaram experiências na sociedade em que os sujeitos que estudam acabam envolvendo-se em caminhos errados. Dessa maneira alguns pais distorciam o significado da educação devido ao conhecimento de exemplos contrários. E esses acabavam culpabilizando a educação, dessa forma, as escolhas de vida de outros influenciavam na compreensão desses pais que não entendiam como alguém que era educado escolhia seguir caminhos errados.

A questão 08 foi: “Quais os motivos que te motivaram a retomar os estudos? A maioria dos estudantes durante a entrevista responderam que eram motivados a voltar a estudar para melhorarem suas vidas, pois a busca por um emprego melhor depende da conclusão do 2º grau, para depois galgar outras possibilidades. Seguem alguns dos depoimentos:

- O motivo de meu retorno para a escola foi minha filha (nesse momento a educanda ficou com lágrimas nos olhos ao retratar do incentivo de sua filha). Ela fala pra mim: mãe eu fico tão feliz vendo a senhora bem estudando. Ela é minha incentivadora, minha guerreira. Minha filha mais velha é uma pessoa maravilhosa, eu acho que ganhei na loteria. Eu voltei a estudar por ela, e agora quero realizar meus sonhos. (J.A.S, 34 anos).

- Porque hoje até pra você ter um emprego melhor, você precisa ter estudo. Até pra você pegar um ônibus você tem que perguntar as pessoas que estão no ponto. Eu com o pouco estudo que tenho, já consigo pegar sozinho um ônibus e comprar minha passagem na rodoviária. (G.M.M, 54 anos).

- O que me motivou foi a vontade de aprender a ler. Quem lê escreve, mas quem não lê, não escreve bem. Como vou arrumar um emprego melhor, se eu não ter o estudo, por isso estou aqui para aprender a ler e escrever. (M. G.N, 56 anos).

-Porque eu lia alguma coisa, mas sempre tive dificuldade. Agora depois que eu estou na escola, tudo que passa na televisão eu leio. Eu estou gostando bastante de voltar a estudar, porque eu tô desenvolvendo. Uma vez eu fui ver um trabalho, ele me entregou um papel, era uma ficha para preencher, mas eu não aceitei. O dono, da loja disse: “olhe, vá estudar e volte” isso aí marcou minha vida. As vezes a gente não sabe escrever e ler, mas sabe trabalhar. (G.S.S, 66 anos).

- Porque um jogador que não tem estudo é roubado. (R.C.S, 16 anos).

Os depoimentos demonstram que esses sujeitos da EJA retornam para o chão da escola com o objetivo de melhorarem suas vidas, eles enxergam a escola como a possibilidade para mudanças e a partir da educação, eles conseguiram conviver em uma sociedade com mais prestígio social, visto que muitos foram excluídos por não saberem ler e escrever.

Alguns são incentivados pela família e fazem desse apoio motivo maior para realizarem sonhos de vida.

Na pesquisa, um dos estudantes se afastou da escola para fazer parte de uma base de futebol, seu maior sonho era ser um jogador, mas, para treinar, ele acabou afastando-se da escola, quando foi solicitado a ele falar sobre o seu retorno para os bancos da escola, o mesmo definiu que um jogador sem estudos é roubado com facilidade diante desse depoimento, observa-se o quão é importante para esses sujeitos a criticidade e as reflexões realizadas no chão da escola, a educação promove a liberdade e, sem a mesma, eles são vulneráveis às explorações e imposições da sociedade opressora.

A questão 09: “Quando pensava em retornar à escola, o que você imaginava encontrar nela? A instituição atendeu as suas expectativas? Durante a entrevista essa pergunta foi respondida em respeito ao retorno para a escola, como um espaço que acolhesse os estudantes, um espaço onde os laços de amizades seriam construídos. Durante a entrevista, observou-se que os estudantes, sempre com muito respeito à instituição de ensino, relataram a importância que a escola tem em suas vidas e apontaram algumas problemáticas encontradas na escola, que poderiam ser repensadas. Seguem alguns depoimentos acerca da importância desse retorno para a escola:

- Pensei encontrar muitas coisas boas na escola e encontrei. Todas as professoras aqui trabalham bem, elas têm a maior preocupação com a gente, o ensino é muito bom, a gente sente falta na escola é de uma biblioteca para praticar a leitura, seria bom também um laboratório de informática, é assim que chama né? Tenho até um computador em casa, mas minha filha não tem paciência para me ensinar e aqui na escola eu poderia aprender. (G.M.M, 54 anos).

- o que eu mais imaginava era não conseguir pelo cansaço, mesmo assim eu me matriculei e vim, hoje o dia que falto é muito ruim. Eu pensava no apoio que a professora ia dar para a gente, eu louvo a Deus pela vida deles, por que me ajudaram muito. (M.G.J, 46 anos).

- Eu pensava: vou voltar e aprender coisas que eu não sei ainda, a escola é bem acolhedora, todo mundo aqui é bem tratado, aqui encontramos muitos amigos, gente que gosta da gente. A escola superou as expectativas, mas poderíamos ter outras aulas de coisas diferentes, como informática, aula para aprender a entrar na internet, fazer pesquisa, acho que ia ajudar até na leitura né? (G. S.S, 66 anos).

Na questão 10: “Você frequenta a Educação de jovens e Adultos há quanto tempo? A maioria respondeu: a 2 ou 3 anos. Alguns perderam de ano devido problemas de saúde ou dificuldade com a logística do estudo e trabalho, outros por questões religiosas. A fala abaixo retrata alguns depoimentos com os motivos acerca da ausência nos bancos da escola:

- frequento a 3 anos. Fiquei 2 anos no TAP I e agora estou no TAP II. Perdi muita aula quando estava no TAP I, as vezes tem muitas coisas na igreja e eu tenho que ir. Se eu não aprender a ler, não tem como eu conhecer a palavra de Deus. A gente sabendo a ler, sabe o que está escrito na bíblia e não precisa do outro para dizer. (G.M.M, 54 anos).

- eu frequento a EJA tem 3 anos, fiquei no TAP I dois anos, não podia ir muito nas aulas porque fiquei doente com minhas alergias, foi uma época difícil, eu nem podia ir para escola. O TAP II estou frequentando esse ano e faltei menos. (M. G.N, 56 anos).

Já na questão 11: “Existe relação com o que você estuda e o seu dia a dia? A maioria dos educandos respondeu que o que eles estudam tem a ver com o seu dia a dia, pois a professora estuda a sociedade. Essa temática faz parte de um projeto proposto pela escola, o qual é trabalhado tanto na sala de aula onde foi feita a pesquisa e em outras salas de aula da instituição.

- Ela fala sobre a saúde da mulher, que a mulher tem que se cuidar, fala de política, desemprego. A pró fala da sociedade, o nosso projeto é sobre a sociedade. Isso tem a ver com nosso dia a dia. (G.S.S, 66 anos).

- Nas aulas a gente estuda sobre saúde, política, emprego, o respeito aos direitos. (G.M.M.54 anos).

- Tem. Na parte da cidadania que estudamos no projeto sociedade. Falamos de educação, respeito ao próximo, desemprego, saúde. Lembro que a professora falava da necessidade que todos temos em trabalhar. (J.A.S, 34 anos).

As histórias de vida dos sujeitos da EJA são contempladas nas propostas metodológicas em sala de aula a partir dos assuntos movidos acerca da realidade atual desses educandos, da sociedade em que vivem, do cuidado com a saúde e com o corpo, são abordadas questões acerca da locomoção e dos transportes públicos que esses educandos utilizam, da política entre outros assuntos que foram abordados no projeto cidadania da escola que retratava assuntos sobre a sociedade. Porém, as suas histórias de vida do passado, de suas raízes históricas, das problemáticas em que viveram, dos obstáculos que passaram, do próprio truncamento na educação escolar, essas não são contempladas nas práticas metodológicas. O olhar dos professores para a educação da EJA deve atentar-se para essas histórias de vida sejam refletidas.

Na questão 12: “Quando o professor solicita alguma atividade em classe ou para casa, ela tem alguma relação com suas tarefas diárias ou com sua história de vida?”

”Os estudantes responderam que sim, de acordo com os assuntos que eles foram motivados a estudar com o projeto cidadania.

- Tem. As atividades que fazemos na sala fala de nossa saúde, da alimentação, do desemprego, dos assuntos que estudamos no projeto sobre a sociedade e cidadania. (G. M. M, 54 anos).

- Em relação a alimentação, a saúde para não comer besteira e lá na frente se prejudicar, a política, os meios de transporte que pegamos, sobre nossos direitos. (R.C.S, 16 anos).

Uma educação voltada para as questões sociais que envolvem os estudantes é muito importante, diante das observações e da coleta de dados foi possível refletir que os estudantes têm acesso ao conhecimento que abarca as questões sociais nas quais estão inseridos, e o projeto cidadania aborda essas questões e traz reflexões para a sala de aula, dessa maneira a história de vida atual dos discentes é contemplada através desse projeto.

Para a questão 13: “Os professores já convidaram você ou algum aluno a contar sobre as suas histórias de vida? Como foi esse momento?” Os estudantes disseram que as suas histórias de vida nunca foram compartilhadas na escola, visto que nunca foi solicitado que contasse sobre ela, uma educanda falou que no início do ano durante as apresentações dos colegas a professora solicitou que os estudantes falassem sobre suas histórias de vida, mas depois desse dia eles não falaram sobre essa temática na escola.

- A pró nunca tinha feito nenhuma atividade que falasse de minha história de vida, ela fez pela primeira vez ontem, poderia fazer mais vezes, foi muito bom fechar os olhos e lembrar os momentos de nossa infância. (I. P. O, 31 anos).

- Não, ela nunca perguntou sobre minha história de vida, nem a vida de meus colegas. Ela fala de saúde, sociedade, política, desemprego, meios de transporte, mas a minha história de vida que vivi nunca falei aqui não. (J.A.S, 34 anos).

- Não, ela nunca falou disso aqui, se ela falou eu não estava presente. (M.G.N, 56 anos).

- Logo quando a gente chegou, foi no início do ano, os professores pediram para cada um ir se apresentando, aí a gente falava nosso

nome, e aquelas coisas que todos os professores fazem no início do ano, depois ela pediu para falar sobre a nossa história de vida. Depois ela contou a história de vida dela. Sem ser esse dia, não me lembro de ter feito nenhuma atividade sobre história de vida. Eu acho que poderia ter para a agente estudar sobre nós mesmos. (G.S.S, 66 anos).

Durante os depoimentos uma estudante (I. P. O, 31 anos) relatou que a professora nunca havia solicitado que os estudantes falassem sobre suas histórias de vida, mas que “ontem” ela fez aquela atividade para que eles fechassem os olhos e pensassem acerca do passado deles, das dificuldades que passaram na vida e dos momentos em que precisavam escolher entre os estudos e o trabalho.

A estudante durante a entrevista ainda completou seu depoimento dizendo: - “Eu não sei porque ela fez isso ontem, ela nunca tinha pedido para a gente pensar na nossa vida, mas eu gostei” (I. P. O, 31 anos). Dessa forma reflete-se que muitas vezes os profissionais encaminham propostas metodológicas com a presença de um pesquisador observando a sala de aula por que são tomados pela preocupação acerca do olhar desse pesquisador sobre o seu trabalho.

Antecipadamente a professora solicitou o questionário da entrevista no dia em que foi realizada a entrevista e essa proposta metodologia foi realizada talvez com o intuito de somar uma proposta metodológica visível a minha observação sobre o tema estudado.

Um professor que está sendo observado por um pesquisador tem muitas vezes posturas que envolvem medo acerca de como estão sendo avaliados profissionalmente. As histórias de vida desses sujeitos devem ser contempladas no chão da escola nas propostas metodológicas a fim de contemplar os sujeitos da EJA e através delas formar pensadores críticos e reflexivos.

A questão 14: “Você tem alguns sonhos? Fale a respeito de algum.” Durante a entrevista foi possível observar que a maioria dos entrevistados querem aprender a ler e escrever. Visto que esses ainda estão no processo de construção da base alfabética.

- Meu sonho é conseguir aprender a ler, e arrumar um emprego melhor ou conseguir abrir um restaurante com minha filha, eu continuando aqui tenho fé que irei um dia conseguir. (I. P. O, 31 anos).

- Eu quero aprender a ler a bíblia, porque quando alguém da igreja fala alguma coisa que tem na palavra de Deus ela que está lhe dizendo, eu quero aprender a ler para ninguém me enganar, eu mesma quero buscar a palavra de Deus. (G.M.M, 56 anos).

- Eu sonho um dia conseguir passar na faculdade e ser enfermeira, se eu estudar um dia eu vou tentar. (J. A.S, 34 anos).

- Quero ser um jogador famoso e realizar esse sonho de ser jogador de futebol. (R.C.S, 16 anos).

A escolarização é fundamental para o processo de democratização de uma sociedade, a educação promove participação desses sujeitos na sociedade e, dessa maneira esses poderão inserir-se de forma ativa para lutarem por questões sociais das quais vivenciam. Os processos de aquisição da leitura e da escrita são base para esses sujeitos conseguirem continuar os seus estudos e para realizar outros sonhos que vêm depois do ato de aprender a ler e escrever.

Na questão 15: “Como você acha que a escola poderia ensinar jovens e adultos, que possuem histórias de vida repletas de conhecimentos e de experiências? ” Acerca dessa pergunta segue os depoimentos:

- muitas vezes o barulho incomoda, tem gente que não leva a sério o estudo e vem para escola conversar durante a aula, eu acho que a professora poderia ser mais rigorosa com os estudantes que conversam, porque eu não consigo me concentrar no barulho, muitas vezes eu fico com dor de cabeça e não entendo nada. Os alunos mais novos acham que temos o mesmo pique deles, e tudo é muito difícil para as pessoas que trabalham, eu acho que esses alunos mais novos poderiam estudar todos em uma sala separados de nós que precisamos de mais ajuda. (J. A. S, 34 anos).

- A pró fez aquela atividade legal ontem, ela nunca tinha feito aquela atividade, poderia fazer outras assim mais vezes. Eu gostei porque me fez lembrar de como eu fui feliz na minha infância mesmo com tantos problemas. E depois escrever o nome das brincadeiras da minha infância foi um desafio, porque a minha palavra foi a mais difícil. (M. G. N, 56 anos).

Os sujeitos da EJA compreendem que estudar com estudantes mais novos dificulta a compreensão das aulas, visto que eles muitas vezes conversam durante as aulas.

O posicionamento do professor para esses sujeitos garante que a aprendizagem seja mais significativa, eles acreditam que separando a turma por idades seria mais fácil dominar os assuntos e avançar nos estudos.

No depoimento, é possível observar que o estudante gostou da proposta metodológica que a professora trouxe para o chão da escola no dia em que eles falaram de suas infâncias e a representaram através do desenho.

A utilização das histórias de vidas dos estudantes da EJA possibilita um leque de oportunidades de propostas metodológicas que valorizem e incorporem os conhecimentos de mundo que são trazidos por esses estudantes, como o desenvolvimento da oralidade, compreensão de tempos históricos, reflexão política e social.

O subcapítulo que segue retrata uma breve reflexão crítica acerca do memorial formativo, que retrata a história de vida de minha mãe, educanda egressa da EJA; no memorial foi possível identificar a história de vida da educanda de sua infância e os seus caminhos pela modalidade da Educação de Jovens e Adultos até chegar à UFBA. Essa apreciação permitiu refletir acerca de mais uma sujeita da EJA, de suas marcas históricas, suas problemáticas e analisar quais foram as propostas metodológicas que ela contemplou em sala de aula e se as mesmas evidenciaram a sua história de vida.

5.3 APRECIÇÃO DE UM MEMORIAL: UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DE VIDA DE MINHA MÃE DA INFÂNCIA ATÉ A UNIVERSIDADE

Nesse subcapítulo, encontra-se uma breve apreciação de um memorial intitulado “Memorial de formação, da EJA ao curso de Pedagogia na UFBA”.

Dessa maneira é relevante o resgate histórico desse memorial como parte desse estudo acerca das histórias de vida dos sujeitos da EJA, pois o mesmo retrata a história de vida de uma educanda egressa dessa modalidade e através dele é

compilado o objetivo do uso de propostas metodológicas em sala de aula que respeitem os sujeitos em suas singularidades e que contemplem as suas histórias de vida. Dessa forma, a leitura do memorial buscou entrelaçar o estudo acerca de quem é esse sujeito e quais são suas singularidades, bem como quais foram as metodologias e o como se deu o seu processo educativo para chegar até a UFBA como educanda egressa da EJA.

O memorial tem como autora Maria Tereza Pereira dos Santos, que é minha mãe e dividiu comigo a caminhada acadêmica no curso de Pedagogia da UFBA. Esse memorial tem como objetivo refletir sobre a importância de chegar ao Curso de Pedagogia da UFBA como sujeito da EJA que acreditou, lutou e transformou saberes nesse sonho formativo.

A autora é a segunda filha no total de quatro irmãos, seus pais não são alfabetizados e a mesma viveu sua infância na simplicidade do campo ao lado de sua família, onde foi proporcionada uma educação regular durante o tempo que conseguiu frequentar a escola antes de seu afastamento. Refletimos diante disso que essa educanda pertence ao público da EJA como observamos em nosso estudo anteriormente como um sujeito com singularidades das quais devem ser respeitadas e evidenciadas durante seu processo educacional.

Estudar para Maria Tereza, minha genitora, sempre foi motivo de alegria e quando se afastou da escola sofreu muito, pois seu maior desejo era continuar os estudos sem esses truncamentos. O desejo por dar continuidade aos estudos sempre esteve presente em sua vida, porém as autoras assim como os outros sujeitos da EJA são acometidos ao afastamento temporário de seus estudos por motivos que vão além de seu desejo em continuar estudando. Diante disso, reflete-se o quanto as questões sociais e familiares implicam para que esses sujeitos vivenciem caminhos permeados de problemáticas pessoais e sociais.

A autora do memorial conta que foi alfabetizada tradicionalmente através do bê – á – ba, e as palavras e o contexto da cartilha nunca traziam respostas para os seus inúmeros questionamentos. A curiosidade já fazia buscar conhecimento através da leitura de mundo, todos os suportes lhe traziam a possibilidade praticar o seu letramento social. Reflete-se, a partir disso, que o sujeito busca através de suas experiências e vivências de mundo aportes para compreender o mundo a sua volta. As leituras que a autora elenca como descontextualizadas de sua realidade são marcas de uma educação que não se preocupa com a criticidade e contemplação das singularidades do sujeito.

Dessa forma, a apreciação do memorial abarca impactos de reflexão para mim acerca de toda a educação, não somente da modalidade da EJA, mas atrela a minha compreensão e reflexão acerca de toda Educação Básica, visto que no presente memorial apreciado encontram-se informações riquíssimas sobre os encaminhamentos educativos que contemplaram a formação de minha mãe.

As práticas e materiais descontextualizados são apenas um grande exemplo da educação que a ela foi garantida. Os estudantes da EJA que viveram essas mesmas práticas que minha mãe viveu, talvez tenham mais dificuldade para o processo de ensino aprendizagem devido aos próprios suportes de letramento, bem como das questões sociais e pessoais que vivem ou viveram. É diante disso, que se torna necessário que o poder público se responsabilize com uma educação de qualidade para esses sujeitos.

Dessa maneira, deve-se garantir desde a Educação Infantil o ensino e uma aprendizagem que permitam a esses sujeitos um bom desenvolvimento psico social, além da garantia pela permanência dos mesmos nos bancos da escola através de recursos públicos, visto que as problemáticas pessoais e sociais são um dos motivos para o afastamento desses sujeitos nas instituições de ensino.

Nascida 1972, no Taquari que pertencia ao povoado de Pedra Branca, o mesmo era localizado no município de Santa Terezinha no estado da Bahia. O seu processo

educativo foi truncado e iniciou-se motivado de um problema familiar que acarretou no seu afastamento da escola. Dessa forma, reflete-se novamente que a educação truncada desses sujeitos da EJA, abarca fatores que vão além daquilo que os próprios sujeitos podem solucionar, são problemáticas que envolvem fatores de ordem, social e pessoal.

A autora, Maria Tereza, retrata em seu memorial que sua mãe cuidava dos serviços domésticos e seu pai trabalhava vendendo sua força de trabalho para os senhores fazendeiros da região.

Contudo, seu pai era responsável pela educação e direcionamento dos princípios tais como a ética, o mesmo era um grande contador de história e esse procedimento utilizado por seu pai nas noites antes de dormir lhe proporcionava um conhecimento acerca da moral, dos valores entre tantos outros aprendizados que seu pai condicionava através de suas contações.

Suas contações de história eram recheadas de técnicas como entonação de voz, gestos e expressões faciais. Conhecimentos esses, que tanto a autora do memorial como a pesquisadora desse estudo encontrou no processo educativo na academia, em que estudaram a contação de história com a professora Lícia Beltrão e fizeram também apresentações em duas escolas e na Universidade para aprimorarem essa prática tão enriquecedora e importante na área educacional. Durante a disciplina elas aprenderam técnicas de apresentação para crianças e jovens e adultos, foram momentos de muito conhecimento com a utilização de aportes como: poemas, causos da cultura oral, músicas, contos entre outros. O trabalho foi realizado em grupo, a sala de aula era o palco onde o ensaio acontecia, antes mesmo que encenarmos no palco dos teatros das escolas escolhidas e da Universidade.

O envolvimento era entre o corpo e a mente, onde as contações de história eram recheadas de emoção para o público ouvinte.

O pai da autora tinha uma horta da qual todos os dias era regada, observa-se na leitura desse memorial que a educação se inicia através de conhecimentos da própria

natureza, era através desse bem natural que a autora encontrava novidades em seu meio de convivência, ela conta que adorava regar a horta ao lado de seu pai.

Diante dessa reflexão, ela retrata que o contexto da palavra trabalho em relação ao cuidado com a horta soava para a autora não como um peso de exploração dos capitalistas, era um trabalho completamente diferente da força de trabalho que seu pai vendia para os fazendeiros da localidade.

Continuando os conhecimentos acerca de suas vivências ao lado de seus irmãos, a autora define que os seus brinquedos eram construídos com suportes encontrados no quintal da sua casa, tais como castanha de caju que virava gude, sabugo de milho que virava uma boneca, entre tantos outros possíveis brinquedos construídos através da imaginação que é fruto da infância.

As brincadeiras das quais a autora desfrutava não dispunha de jogos e da tecnologia avançada que se encontra na atualidade e esses suportes foram fundamentais para o seu desenvolvimento enquanto sujeito.

Durante a leitura desse memorial formativo, percebo que a autora retrata a sua infância com muita felicidade antes dos acontecimentos com sua família, que motivaram tantas transformações em sua vida e na vida de seus irmãos.

A autora, antes de mudar-se para cidade de Salvador, pensava como seria aquele lugar, onde muitos falavam que tinha mar, carros, televisão, alimentação gelada. A imaginação afluía o desejo de conhecer esse lugar, que era sonhado e imaginado através dos pensamentos de uma criança.

Em meio à felicidade em morar na simplicidade do campo, das histórias contadas por seu pai e do seu desejo para aprender a ler, escrever e continuar os estudos, iniciou-se as problemáticas na família, o medo passou a assombrar os seus dias. A autora conta que o seu pai viajou, nesse período e a sua mãe envolveu-se em um

relacionamento extraconjugal sendo o disparo para o início de mudanças na vida desse sujeito e de toda a sua família.

Essa fase de sua vida foi muito conturbada e difícil. Ela conta que tinha medo durante a noite, pois sua mãe apagava o candeeiro e fazia vozes e dramatizava cenas que assustavam ela e seus irmãos.

Quando seu pai retornou para casa, a convivência com sua mãe ficou cada dia mais difícil e os dois separaram-se. No meio desses acontecimentos a autora conta que sua mãe teve uma filha fruto da relação extraconjugal chamada de Maria Lúcia, a mesma comenta em seu memorial que no meio de tanta dor a chegada de sua irmã era motivo de alegria para ela.

O tempo passou e seu pai foi vendendo o pouco que eles tinham e tudo foi desaparecendo, eles foram viver no povoado de Pedra Branca na casa da tia, pois ficaram sem moradia.

Nesse período, sem a presença da mãe, a sua irmã mais velha tinha responsabilidades como se fosse a mãe e ela a ajudante da casa. Em muitos momentos o medo tomava conta dela e de seus irmãos, o seu pai trabalhava e retornava para casa à noite com o alimento, porém ele envolveu-se com bebida alcoólica e estava dependente da mesma, utilizando-a de forma descontrolada. Muitas vezes seu pai bebida tanto que não conseguia voltar para casa ela e seus irmãos dormiam com fome e só conseguiam comer no dia seguinte quando seu pai conseguia chegar. Durante a noite, as pessoas se aproveitavam porque sabiam que ela e seus irmãos ficavam sozinhos e faziam elas se assustarem no escuro.

Maria Tereza ficou um tempo sem frequentar a escola devido aos acontecimentos familiares. A mesma conta que a volta para escola foi difícil devido ao preconceito e julgamento por ter uma meia irmã, todos sabiam o que sua mãe havia feito, e os seus filhos eram julgados por isso. A professora acolheu ela e seus irmãos, dessa forma a educadora fazia de tudo para que seus colegas os respeitassem e se reaproximassem.

Em relação ao processo educativo nessa época, ela conta que passou a fase do ABC e, finalmente, ela iria ter sua cartilha para ser alfabetizada, que era uma imensa alegria segurar aquele material que ela tanto esperava. Contudo, o estudo com a cartilha não houve mediação nem problematização, sendo assim a cartilha fazia parte do método sintético que limitava o ensino da leitura através da decodificação, foi um processo longo, eram frases soltas que a autora conta que lia, além dos textos serem desconexos com sua realidade. Dessa maneira, analisamos que a metodologia disposta na educação muitas vezes não contempla a realidade dos sujeitos, seja na modalidade da EJA ou nos outros níveis da educação.

O último período em que a autora viveu na escola onde estudou sua infância foi marcado por aprendizagens para crescer na EJA. Após o longo estudo da cartilha, realizou-se na década de 1980 a metodologia tradicional e a tecnicista.

Maria Tereza conta, que a sua educação na época foi baseada na concepção bancária debatida por Paulo Freire, onde tudo era depositado pelo professor e o aluno não tinha como interagir, a repetição e a transmissão eram a forma que os conteúdos eram passados para os estudantes.

O momento em que os estudantes podiam interagir eram as aulas de cálculo matemático, envolvendo as quatro operações, em que eles podiam interagir e fazer as atividades com os educandos mais experientes.

Maria Tereza conta, em seu memorial, que ela fazia a leitura observando a versão escrita e a versão oral que seu pai lhe contava nas histórias orais, visto que nos livros não se encontravam a realidade de vida dos estudantes.

Ela migrou para cidade de Salvador em 1982 e assumiu a responsabilidade de adulta e ainda criança ela começou a trabalhar, sendo escravizada através do serviço doméstico, quando tinha 10 anos. O ritmo de trabalho era intenso e ela era

responsável por organizar todos os espaços da casa, entre lavar, fazer comida, passar, cuidar das crianças entre outras.

A autora descreve que foi para Salvador com uma família influente da região, com a promessa que seria cuidada por essas boas pessoas e que estudaria até se formar. Diante de tantas promessas positivas a mesma ficou entusiasmada e aceitou seguir para cidade de Salvador com essa família.

Nesse tempo em Salvador, a autora estudou e, entre idas e vindas da EJA, o desejo pelo conhecimento nunca deixou de brotar em seu ser.

Maria Tereza compreende que a investigação de si, não é desvinculada da teoria, diante disso, para a sua narrativa ela reflete acerca das escolhas que a mesma fez durante sua história de vida, das ações que vivenciou nas instituições escolares que passou e do plano de vida familiar.

Dessa maneira, sua pesquisa foi atrelada através da reflexão das suas próprias experiências formativas enquanto sujeito e diante das mesmas a reflexão acerca de sua caminhada educacional para alcançar os conhecimentos e realizar seus sonhos.

Durante a análise de seu memorial é possível compreender que as experiências vivenciadas no seu passado e no presente possibilitam constantes reflexões acerca do sistema educacional no qual ela esteve inserida, bem como da sociedade preconceituosa, excludente e envolta das inúmeras problemáticas que são o reflexo da divisão de classe que nossa sociedade carrega, na qual os burgueses ditam suas regras para as classes menos favorecidas.

Diante disso a educação permite a compreensão dos novos significados acerca das experiências vivenciadas e dessa forma são refletidas.

Quando o sujeito é condicionado a lutar por transformações e essas são compiladas através da própria educação que possibilita aos homens posicionamentos, pensamentos críticos e a luta por melhores condições de vida.

Portanto, a história de vida da autora condicionou a conscientização para que a mesma lutasse por suas transformações sociais através da educação que sempre foi seu maior desejo desde a infância.

Durante a leitura de seu memorial, em meio a tantas dificuldades em sua vida o seu desejo em continuar os estudos nunca deixou de brilhar e o seu encontro com a modalidade de Jovens e Adultos se inicia em 1988 com o Ensino Supletivo na Escola Estadual Visconde de Itaparica, e sua continuidade nos estudos foi no turno da noite.

A autora matriculou-se na 3ª série, e a partir daquele dia ela não parava de pensar no que a lhe esperava na escola, estudar a noite era uma nova realidade para ela e ao mesmo tempo ela estava ansiosa para voltar para escola e, fazia de tudo para adiantar seus serviços domésticos.

No primeiro dia de aula, a professora era muito cuidadosa e reservou o primeiro dia para o acolhimento da turma a fim de que todos pudessem conhecer-se.

Para a autora, a possibilidade de voltar ao chão da escola era uma realização pessoal de fazer o que ela sempre gostou, além de pensar nas possibilidades, no mundo do trabalho que a educação poderia lhe propiciar.

O ritmo e o contexto do ensino noturno não trouxeram muitas novidades. A professora seguia com uma metodologia tradicional e introduzia algumas atividades para conhecer a sua turma, produções textuais, das quais era direcionada sempre como “redação” como a própria autora descreve. A utilização dos ditados, que também não eram novidade para a autora.

Durante a escrita das redações, Maria Tereza descreve que essas escritas eram direcionadas as questões sociais nas quais os indivíduos estavam inseridos, porém o debate e explicação de como isso seria feito não era bem definido pelo docente.

Havia trabalhos em grupo que eram novidades para a autora, que conta que foi a primeira vez que houve essa interação escolar para realizar atividades criativas.

Em 1989, a autora matriculou-se em uma escola no bairro do Cabula para frequentar a 5ª série no ensino noturno. Contudo, o que impossibilitou dessa vez a continuação dos estudos foi uma reforma que durou o ano inteiro e a falta de professores para algumas disciplinas que só chegavam no 2º semestre.

Os encontros, nesse ano, foram os mínimos, os professores davam notas através de trabalhos e participações, com isso o ensino realizou-se a distância e não houve a interação que ocorreu no ano anterior. Quando chegou o final do ano, a autora conta que foi aprovada para a 6ª série fazendo as provas finais.

Em 1990, Maria Tereza afasta-se novamente da escola para organizar sua vida matrimonial, ela estava grávida ainda na adolescência e não tinha condições de continuar os estudos naquele período pois teria que sair do trabalho para morar com sua prima da qual lhe apoiou. A autora descreve que a sua gravidez, nesse período, fortaleceu para o amadurecimento precoce e para vencer obstáculos em sua vida.

A expectativa da autora era que ela voltasse a estudar quando a sua filha completasse 3 anos. Com essa idade, ela colocaria sua filha em uma creche para poder conciliar o trabalho e a educação.

A autora conta que em 1991, nasceu sua filha Carla Pereira dos Santos e diante daquela nova vida envolvida de momentos difíceis, porém ela já planejava que sua filha estudasse e não passasse por momentos de exploração como ela passou em sua infância.

Sua filha tinha problemas respiratórios que dedicavam tempo e cuidado da autora e com isso, a mesma acompanhava por vários anos em internações, consultas para cuidar de sua saúde.

E o seu desejo em voltar ao chão da escola foi mais uma vez interrompido para cuidar da sua filha. Mesmo não conseguindo ir para escola, ela dedicava-se a leituras em casa e o desejo para estudar nunca se perdeu.

A autora dedicou-se para que sua filha tivesse a sua educação escolarizada a fim de não passar pelo que ela havia vivido, e, em 1995, ela matriculou-a em uma escola Municipal no bairro em que moravam.

Durante seus estudos ela sempre acompanhou de perto e durante suas internações a sua aprendizagem, sempre foi prioridade, ela retrata que orientava sua filha nas atividades e aproveitava para estudar também e aprender mais.

Depois de anos, distante das cadeiras escolares, a autora, aos 29 anos, retorna à escola, em 2002, mas antes ela planeja esse novo passo pois sua filha não ficava em casa sozinha.

Quando a mesma percebeu a independência de sua filha, ela tomou coragem e matriculou-se em uma escola localizada longe de sua casa, porém a única que era no turno em que a sua filha também estudava para não deixar ela sozinha a noite.

Maria Tereza relata que a EJA é a esperança ao direito de estudar do público que não conseguiu por algum motivo, concluir os estudos, dessa forma a mesma buscou retorna- rá escola para cursar e concluir o Ensino fundamental II.

A autora relata que o ensino fundamental II era organizado em boxe, ou seja, a educação era realizada com alunos e o professor em trio, em dupla ou individual.

A metodologia aplicada era distinta de acordo com cada professor, ela conta que, geralmente, o conteúdo era exposto pela professora e muitas vezes o diálogo era o mínimo para retirar as dúvidas dos alunos.

Diante dessa compreensão da autora acerca da falta de diálogo do professor será elencado a contribuição de Freire (2018, p. 112) que nos diz: “Como posso dialogar, se fecho a contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?” Diante dessa citação pode-se refletir acerca da forma que os profissionais estão conduzindo suas práticas educativas, onde o outro não tem voz, nem vez, em que a ideia do outro não faz diferença para o estudo, a falta de respeito a história de vida do outro e as suas experiências e bagagens históricas.

A autora relata que uma professora iniciou o estudo matemático com os conteúdos que pertenciam ao fundamental completo, dessa maneira a mesma encontrou dificuldades e buscou ajuda com aulas extras particulares com as quais ela teve um custo. Refletimos com essa situação elencando que nem todos sujeitos da EJA irão conseguir pagar aulas extras para suprir necessidades educacionais que são a própria escola poderia lhes ajudar, com por exemplo grupos de estudo e com conteúdos que condizem com a realidade dos seus estudantes.

O mesmo ocorreu com as aulas da disciplina de Língua Portuguesa, nesse caso a estudante sentiu dificuldades na construção da redação e buscou suportes tais como livros e materiais que completassem a sua compreensão.

Maria Tereza relata, em seu memorial, que a professora de Ciências possuía um posicionamento diferente. A mesma apresentava questões sociais vivenciadas por educandos. Essa professora, para além dos conteúdos necessários a aprendizagem, ela retratava acerca da vida, de questões da sociedade como um todo. A valorização do que o aluno trazia, as respostas elaboradas com posicionamentos trazidos através de experiências vividas, essas eram as marcas de uma professora que atuava de maneira diferente.

A autora relata que havia uma professora da disciplina de História, que não aceitava o conhecimento que o aluno trazia, bem como não aceitava também respostas diferentes das que eram encontradas nos livros. Com esse relato encontrado no memorial reflete-se que a forma como o profissional vai atuar irá fazer diferença na educação de nossos estudantes. O educando deve ler, compreender, interpretar, reescrever com suas palavras e compilar reflexões críticas em prol do que foi estudado.

Em seu memorial, ela retrata que, em 2003, começou a estudar no ensino médio na mesma escola em que findou o ensino fundamental II. Ela conta que alcançar essa etapa da educação sempre foi seu maior desejo. Nessa etapa, o programa da EJA foi o Projeto Tempo de Aprender, e ela estudou em uma sala de aula convencional, onde vivenciou experiências únicas e concluiu seu ensino médio em 2004. O estudo não continha duas disciplinas importantes para auxiliar na reflexão crítica dos educandos que era: Sociologia e Filosofia. Diante disso, refletimos que a retirada dessas disciplinas como obrigatoriedade na educação faz com que os estudantes não sejam incentivados a pensarem de forma crítica e revolucionária, é mais fácil para os burgueses dominar um povo que não reflete, que não critica e que tudo aceita.

Havia um professor de Biologia que era recém-formado do curso de Biologia na UFBA e o mesmo era contra o método de trabalho através das aulas por meio do Telecurso. A autora escreve que o professor acreditava que ele conhecia seus educandos e que a metodologia de ensino que deveria ser dispostas, para os mesmos deveria ser através dele, que estava em contato direto com os mesmos. Dessa forma, refletimos que o professor conhecia a singularidade de seus estudantes e conseguiria educar de forma a contemplá-los, dessa forma a educação opressora não era evidenciada.

A autora relata em seu memorial que os seus professores, na maioria, utilizavam materiais didáticos e demandavam de um tempo disponível para que os estudantes aprendessem. Dessa forma, eles se preocupavam com o ensino e com a aprendizagem desses sujeitos, faz-nos refletir que a educação era voltada para esses sujeitos e não para passar apenas os conteúdos.

Maria Tereza descreve, em seu memorial, que concluiu o ensino médio e no ano de 2004, deveria prestar o vestibular para UFBA, porém não acreditava que passaria devido as fragmentações em seu processo de escolarização.

Ela iniciou o trabalho com reforço escolar em sua própria casa e começou o contato com as crianças do ensino fundamental I para auxiliar em suas dificuldades de aprendizagem.

A mesma aborda que, enquanto trabalhava com reforço escolar, ela estudava para fazer o ENEM e foi através desse estudo que ela começou um processo de análise de seu próprio estudo para avançar no conhecimento e preparar-se para a concorrência dos vestibulares.

Maria Tereza retrata em seu memorial que no ano de 2011 sua filha, Carla Pereira dos Santos é aprovada no vestibular da UFBA e foi sua incentivadora para também prestar o vestibular da UFBA, através do Enem.

Ela conta que fez a prova e, quando saiu o resultado positivo ela ficou muito feliz, mas já imaginava a segunda fase do vestibular, dessa forma ela dedicou-se para estudar e assim realizar o seu sonho.

Depois de um tempo, saiu a tão sonhada lista de aprovados, em que sua filha deu a notícia tão esperada. A autora relata que sua caminhada na Universidade começou no semestre 2013.2, no ano em que sua filha fazia 1 ano de UFBA.

Inicialmente, a autora imaginava como seria sua caminhada naquele espaço cheio de jovens, visto que não teria a companhia de sua filha como colega de sala, pois ela cursava outras disciplinas.

Maria Tereza sempre teve orgulho em dizer de qual modalidade era egressa e dos caminhos que a fizeram chegar até ali. No semestre de 2015.1, ela passou a cursar as disciplinas com sua filha por decisão de ambas.

Dessa forma, essa reflexão educacional a partir da apreciação de um memorial, que é um instrumento avaliativo envolto de singularidades e estímulos nos remete a compreendermos o campo educacional partindo da história de vida de uma egressa da EJA que sonhou desde sua infância a completar seus estudos, mesmo com tantas dificuldades durante sua vida.

A educação da autora do memorial traz uma diversidade de metodologias, umas contemplam o sujeito como ser que pensa, que traz bagagens históricas e que tem singularidades. Além daquelas metodologias que não contemplam os sujeitos, não respeitam suas histórias.

Educar na EJA é uma responsabilidade da qual muitos professores não estão preparados, visto que muitos precisam compreender quem são esses sujeitos? Como eles aprendem?

Através dessa pesquisa, reflete-se que o educador necessita de constante conhecimento e pesquisa, bem como conhecer e respeitar seus educandos.

A reflexão do memorial formativo de minha mãe, que é educanda, mãe, incentivadora, batalhadora e mulher de garra, reflete-me o sentimento e desejo de crescer na arte do educar.

Atuar na educação para compartilhar, incentivar e proporcionar uma pedagogia libertadora para meus futuros educandos, com ações que proporcionem qualidade educacional.

A força que me motivou para a arte do educar em prol da liberdade eu chamo de: mãe, essa educanda e futura educadora egressa da Educação de Jovens e Adultos, uma estudante que buscou arduamente o seu maior sonho: estudar. Foi com muito afinco

que buscou realizar seu sonho, construindo bases sólidas que a auxiliaram a educar-me para vida.

Para além de educar-me, deu-me a possibilidade de caminhar pela vida dividindo nosso sonho, compartilhando o nosso crescimento educacional e pessoal dentro da Universidade.

Diante dessa realidade tão envolta de identidade, trago parte da canção de Milton Nascimento e Fernando Brant para findar minha apreciação de seu memorial formativo, dedico essa música como reflexão e como alegria em ser parte de sua vida, “Maria Tereza”.

“Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta
Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca [...]”.

(Milton Nascimento / Fernando Brant)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa intitulada “A importância das histórias de vida: uma proposta metodológica no chão da escola para os educandos da EJA” foi investigada, através do estudo bibliográfico e da pesquisa de campo, como as histórias de vida dos sujeitos da EJA que são carregadas de singularidade estão sendo contempladas no chão das salas de aula. Contudo, a pesquisa foi abrilhantada com a possibilidade de apreciar o memorial de minha genitora, Maria Tereza Pereira dos Santos, com a qual compartilhei a vida e fui presenteada a viver a experiência de estudar na Universidade ao seu lado.

Dessa maneira a apreciação do seu memorial compilou com afinco na reflexão histórica de minhas raízes familiares, bem como a compreensão acerca da história de vida de uma educanda da EJA com a qual divido a vida. A leitura de seu memorial propiciou reflexões acerca da educação como um todo, mostrando-nos a real importância que a arte do educar tem na vida dos sujeitos, sejam eles crianças, jovens, adultos, adolescentes ou idosos. Mãe, o seu desejo incansável e inspirador de aprender, de estar na escola mesmo com tantas dificuldades, de dividir suas experiências com outros sujeitos, são inspirações e faz-me refletir que não importa o tempo em que um sujeito consegue voltar aos bancos da escola, o importante é nunca desistir, nunca é tarde para realizar seus sonhos. Você me inspira mãe!

O caminho percorrido através da pesquisa estão respondendo a questão: como as histórias de vida desses sujeitos estão sendo contempladas nas propostas metodológicas em sala de aula? Diante do estudo teórico, das observações feitas na escola pesquisada e das entrevistas realizadas, foi possível identificar que o compromisso com os educandos em relação a propostas metodológicas que contemplem as suas histórias de vida, ainda são realizadas de maneira muito superficial.

A pesquisa evidenciou delinear os seguintes objetivos específicos: conhecer o perfil dos discentes da Educação de Jovens e Adultos; analisar criticamente se as propostas metodológicas dialogam com as histórias de vida dos sujeitos e se atendem as especificidades da EJA; compreender, através do perfil dos educandos, a importância de suas histórias de vida para o processo de aprendizagem, em prol do reconhecimento e valorização desses sujeitos.

Foi possível conhecer o perfil de estudantes da EJA, a partir das reflexões feitas com os teóricos e das observações e entrevistas acerca da realidade encontrada na escola onde foi feita a pesquisa de campo. Esses são jovens, adultos e idosos oriundos de camadas populares que estão frequentando a modalidade da EJA uma grande maioria à 2 ou 3 anos, são sujeitos com suas histórias de vida permeadas de dificuldades no âmbito pessoal e social, muitos deixaram de estudar por falta de incentivo da família, pela necessidade de trabalhar desde cedo para sobreviver.

Esses estudantes retornam para o chão da escola com objetivos, em sua maioria eles desejam realizar sonhos pessoais. Uma grande parte dos estudantes da EJA que foram entrevistados estão em busca da aquisição da leitura e da escrita para conseguirem seguir adiante nos estudos e alcançar voos maiores. Durante a pesquisa, foi possível analisar as propostas metodológicas, essas contemplam a realidade de vida em que o sujeito vive, com assuntos que abordam a sociedade, trabalhos coletivos acerca da saúde, dos transportes públicos. Porém esses sujeitos não são contemplados com propostas que levem em consideração as suas histórias de vida partindo da sua singularidade enquanto sujeito.

O professor precisa repensar suas propostas metodológicas para que alcancem esses sujeitos, trazendo a história do passado, do presente e do futuro, fazendo com que esses sujeitos sejam críticos e reflexivos.

O conhecimento de mundo que esses sujeitos trazem é enriquecedor para compartilhar no chão da sala de aula todas essas histórias de vida. Dessa maneira a educação deve elucidar o compromisso com o que os estudantes trazem consigo,

transformando essas propostas metodológicas que não contemplam o sujeito como todo em propostas que respeitem suas singularidades e forme-os para uma educação libertadora e significativa.

A modalidade de ensino da EJA deve assegurar, o direito de acesso e permanência dos estudantes na escola, para aqueles que, por algum motivo, não conseguiram dar continuidade aos estudos, esse afastamento nos estudos gera dificuldades de ordem pessoal e social: como reflexos em relação ao mercado de trabalho e aos diversos vínculos sociais e esses são gerados através de imposições do mundo moderno e excludente.

Diante disso, as instituições de ensino que atuam com a modalidade de ensino da EJA devem empenhar-se para uma educação de qualidade que vise ao desenvolvimento pedagógico e pessoal desses sujeitos, oportunizando que ampliem suas habilidades, a fim de que estejam preparados para as imposições da sociedade dominadora, bem como estejam preparados para serem sujeitos críticos e reflexivos que promovam mudanças sociais através de suas participações nas diversas instâncias sociais, das quais devem sentir-se parte do processo educativo, inserindo suas histórias de vida nesses espaços.

Os dados coletados através das entrevistas, com base nas observações feitas na escola e com o aporte dos estudos teóricos consideramos que, durante a pesquisa de campo foi possível comprovar que os sujeitos da EJA dessa instituição observada são contemplados acerca de propostas metodológicas que visam à reflexão sobre a sua história de vida atual. Contudo as histórias de vida que envolve as singularidades desses sujeitos contando suas histórias vivenciadas no passado não são contempladas em sala de aula. Eles não são estimulados a compartilhar sobre a vida deles antes de chegar à escola, o que eles viveram para chegar até esse espaço escolar.

O que é contemplado na sala de aula são as histórias de vida que se situa nas relações sociais das quais os mesmos estão inseridos. Dessa forma, elucidamos que essa

também é uma proposta importante e que deve ser utilizada no chão das salas de aula da Educação de Jovens e Adultos, porém essas não são as únicas, esses sujeitos precisam ser conhecidos, as suas histórias precisam ser abraçadas e discutidas no chão da escola para promover uma educação dialógica e libertadora.

Durante a pesquisa, foi possível observar que a educadora traz para as propostas metodológicas, assuntos sobre a sociedade e essa temática é abordada através do projeto da escola: cidadania. Um projeto interessante que traz a realidade vivida do sujeito para momentos de diálogo em sala de aula. Contudo, esses estudantes são incentivados a refletirem acerca de questões sociais nas quais estão inseridos, esses assuntos são: saúde, desemprego, transportes urbanos, política entre outros. Dessa maneira, o processo de construção de conhecimento está apoiado na realidade que o educando vive, o mesmo é estimulado a repensar sobre seu dia a dia e refletir sobre a sociedade na qual está inserido.

Durante a pesquisa, foi possível fazer a reflexão acerca da preocupação que a professora teve quando solicitou o questionário de pesquisa. Logo após receber esse questionário, a mesma propôs a prática em que os estudantes iriam fechar os olhos e pensar acerca de suas histórias de vida.

Esse foi um momento, positivo para os estudantes, eles adoraram a proposta metodológica, porém durante as entrevistas, os mesmos em depoimento relataram que aquela foi a primeira vez que a professora pediu para os estudantes falarem de suas histórias de vida.

Dessa maneira, a presente pesquisa possibilitou a compreensão acerca de quem são os educandos da EJA através do estudo e da pesquisa de campo, dessa forma foi refletido qual a importância que a história de vida desses sujeitos tem para as propostas metodológicas no chão da escola.

Visto que a educação deve comprometer-se em abarcar a realidade de vida desses educandos, preparando-os para refletirem criticamente sobre o mundo de que fazem

parte e conscientizarem-se em relação as suas vivências passadas e atuais, sendo dessa forma sujeitos pensantes, que façam a leitura de mundo e a partir dela compreendam o mundo à sua volta para que sejam sujeitos ativos, críticos e envolvidos nas lutas sociais.

Os educadores que compreenderem que as necessidades desses sujeitos precisam estar postas nas propostas metodológicas, esses proporcionaram um ensino aprendizagem significativo e libertador.

Os sujeitos da EJA possuem uma bagagem histórica enriquecedora. Os educadores devem refletir sobre suas práticas, repensando acerca de seus planejamentos, avaliações, projetos e todas as propostas metodológicas institucionais, para que as trajetórias de vida dos estudantes sejam consideradas, respeitadas e, dessa forma, sejam um grande alicerce para a transformação educacional.

A vivência de mundo dos estudantes deve contribuir de maneira significativa com as práticas pedagógicas de ensino, os docentes devem partir da realidade dos sujeitos para planejar o que fazer e como fazer, além de estar em constante movimento de reflexão crítica sobre o processo de escolarização e o mundo, para que a Educação desses jovens e adultos esteja alicerçada nos saberes construídos em todos os espaços em que eles viveram e vivem.

Refletindo com afinco sobre todo o percurso de pesquisa, concluo a mesma, considerando que as histórias de vida dos sujeitos devem ser contempladas em todos os níveis e modalidades de educação, visto que o processo de ensino aprendizagem de um sujeito traz marcas de desenvolvimento para a vida e essa educação deve contemplar a realidade de vida dos seus educandos, direcionando a educação para práticas em que os mesmos se sintam contemplados. O impacto que está pesquisa teve em minha vida formativa foi que estudar acerca dessa temática mobilizou em mim o desejo de incentivar educadores para a mudança de pensamentos e práticas, bem como para as minhas próprias reflexões críticas para futuras práticas na EJA e em todos os caminhos educacionais nas quais eu possa trilhar. Educar sem abraçar

as histórias de vida dos nossos educandos é como esquecer as nossas raízes. Que sejamos educadores com propostas metodológicas que libertem nossos educandos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M.C; OLIVEIRA, M.C.S.L; ROSSATO, M. O. Sujeito na Pesquisa Qualitativa:Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano**, Universidade de Brasília, v. 3, pp. 1- 7, Nov. de 2016.
- ARAÚJO, Paulo Magalhães. Etnometodologia: consciência, linguagem e o fenômeno da vida cotidiana. **Revista Eletrônica: Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n. 11, v.1, Jun. 2012.
- ARROYO, Miguel. Os coletivos diversos repolitizam a educação. In: DINIZ, PEREIRA, Júlio Emílio; LEÃO, Geraldo (Org.). **Quando a diversidade interroga a formação docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- ARROYO, Miguel González. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 19 – 47, 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada. Alfabetização e Diversidade. Documento Base Nacional. **Desafios da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**: Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 20 de março de 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/confitea_docbase.Pdf> acessado em 20/10/2018.
- BRASIL, Manifesto IFLA/UNESCO. **A missão da biblioteca escolar**. Disponível em: <<https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>> Acessado em: 30/11/2018.
- BRASIL. IDEB – **Apresentação**. Disponível em<<http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb>> acessado em 21/11/2018
- BRASIL. INEP. **Metas**. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/ideb/metasp>> acessado em 21/11/2018
- BRASIL. INEP. **Encceja**. Disponível em<<http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/encceja>> acessado em 21/11/2018

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. 2005.p. 68-80. **Revista Eletrônica dos Pós Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, vol. 2, nº 1(3). www.emtese.ufsc.br.

BUENO, Belmira Oliveira *et al.* Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985 - 2003). **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 385-410, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CABRAL, Paula; FERNANDES, Maria Hermínia. Sujeitos estudantes da eja: reflexões a partir da formação continuada de professores. **V Seminário Nacional, Formação de Educadores de Jovens e Adultos**. Faculdade de Educação. UNICAMP- Campinas, SP. 13 a 15 de mai. 2013.

CARDOSO, Eliana Trindade *et al.* Práticas pedagógicas inovadoras na educação de jovens e adultos. **Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia, v. 6, n. 6, p 930 - 943, 2017.

DIAS, Fernanda Vasconcelos *et al.* Sujeitos e mudanças de sujeitos: as especificidades do público da Educação de Jovens e Adultos. In: **Educação de Jovens e Adultos: o que revelam as pesquisas**. Belo Horizonte: Autênyca, 2011.

FERRAZZA, Dayane Scopel; ANTONELLO, Claudia Simone. O Método de História de Vida: Contribuições para a Compreensão de Processos de Aprendizagem nas Organizações. **Revista Gestão. Org.** v. 15, n. 1, 2017, p. 22-37, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. (Coleção Polêmicas do nosso tempo)

FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011- (Coleção questões da nossa época; v.22, 51. ed)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário a prática educativa**. 37ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia do Oprimido**, 65ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Sobre o PNAE**. Disponível em<<http://www.fnde.gov.br/index.php/programas/pnae>> acessado em 25/11/2018.

FROMM, Erich. **O conceito Marxista do Homem**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar.1962.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, mai./jun./ago., 2000.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert. **Manual de estilo acadêmico**: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses / Nídia M. L. Lubisco; Sônia Chagas Vieira. 5. ed. – Salvador: EDUFBA, 2013.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem: estudos e proposições**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005

MACCALI, Nicole. M.L, W.C.S, R.K.D. **História de vida**: uma possibilidade metodológica de pesquisar os aspectos subjetivos no processo de tomada de decisão. 2013. Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro

Maria, Maria. Letra disponível em:< <https://www.cifraclub.com.br/milton-nascimento/maria-maria/letra/> Acessado em: 01/12/2018.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAESTRI, Rita de Cassia, MINDAL, Clara Brener. Metodologia de história de vida: a história de vida profissional de uma pessoa surda. **XI Congresso Nacional de educação EDUCERE 2013**, Curitiba.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Continuada. Alfabetização e OLIVEIRA, Inês Barbosa. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educar**, n.29, p. 83-100, Curitiba: UFPR, 2007.

MOLON, Susana Inês, Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n.4, p. 616-622, out./dez.2011.

PIERRO, Maria Clara Di; JOIA, Orlando. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. 2001 Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541>> Data de acesso: 03/11/2018.

SANTOS, M.L.L. **Educação de Jovens e Adultos**: marcas da violência na produção poética. Passo Fundo: UPF, 2003.

SCHNEIDER, Sônia Maria. FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Esse é o meu lugar... esse não é o meu lugar: inclusão e exclusão de jovens e de adultos na escola.** 33ª Reunião Anual da ANPEd, em 2010.

SOARES, Leôncio. Formação de Educadores de Educação de Jovens e Adultos. I **Seminário de Formação de Formadores.** Belo Horizonte: Autentica; 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O Conhecimento de si:** narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. 344 f. Tese Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação.

SMOLKA, A.L.B.O. **O (im)próprio e o im(pertinente) na apropriação na apropriação das práticas sociais.** Caderno Cedes, ano XX, nº 50, p. 29-32 abr/2000.

Apêndice A – Modelo de questionário aplicado na pesquisa**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA****IDENTIFICAÇÃO**

Tema da Pesquisa: Histórias de vida na Educação de Jovens e Adultos: como uma proposta metodológica.

Pesquisador: Carla Pereira dos Santos **Data da entrevista:** ___/___/___

Entrevistado (a): _____

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

1. Nome completo, idade e estado civil do discente:
2. Em qual cidade e estado você nasceu?
3. Qual é a sua profissão?
4. Você tem filhos? Quantos? Quem mora com você?
5. Qual grau de escolaridade de seus pais?
6. Você frequentou a escola quando era criança? Por quanto tempo?
7. Se estudou quando criança, por que teve que parar de estudar? O que mais marcou nesse tempo?
8. Quais os motivos que te motivaram a retomar os estudos?
9. Quando pensava em retornar a escola, o que você imaginava encontrar nela? A instituição atendeu as suas expectativas?
10. Você frequenta a Educação de Jovens e Adultos há quanto tempo?
11. Existe relação com o que você estuda e seu dia a dia?
12. Quando o professor solicita alguma atividade em classe ou para casa, ela tem alguma relação com suas tarefas diárias ou com sua história de vida?
13. Os professores já convidaram você ou algum aluno a contar sobre as suas histórias de vida? Como foi esse momento?
14. Você tem alguns sonhos? Fale a respeito de algum.
15. Como você acha que a escola poderia ensinar jovens e adultos, que possuem histórias de vida repletas de conhecimentos e experiências?

Apêndice B - Modelo do TCLE utilizado na pesquisa**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

O/A Sr.(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Histórias de vida na Educação de Jovens e Adultos: como uma proposta metodológica”.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a importância das histórias de vida na Educação de Jovens e Adultos como uma proposta metodológica, partindo da realidade de uma Escola Municipal de Salvador.

Para realizar o estudo será indispensável que o (a) Sr. (a) se autorize a sua participação e disponibilize-se para responder a um questionário (presencialmente) da qual a pesquisadora será sua escriba.

As informações obtidas por meio dessa pesquisa serão sigilosas, bem como sua identidade. O/A Sr.(a) tem da mesma forma, o seu direito por autorizar que sua identidade como participante desta pesquisa seja revelada.

A sua participação nessa pesquisa é de grande importância nas instâncias institucional e social. Sua contribuição no estudo conferirá confiabilidade ao trabalho possibilitando uma análise e compreensão real da problemática estudada.

A sua participação no estudo não lhe trará nenhum ônus financeiro e nenhuma das estratégias usadas oferece riscos à sua dignidade ou à sua integridade física. A pesquisa respeita aos critérios da ética em pesquisa com seres humanos conforme Resolução n.º 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. É reservado o direito ao/ a Sr. (a) de recusar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente, e essa decisão não acarretará nenhum prejuízo. O / A Sr.(a) receberá uma via deste termo, devidamente assinada.

| |
|-----------------------------|
| DADOS DO PESQUISADOR |
|-----------------------------|

Nome: Carla Pereira dos Santos

E-mail: carla.pereira49@yahoo.com.br

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Eu, _____, residente e domiciliado _____ à rua/Av. _____

_____, município _____, estado _____ declaro que compreendi os objetivos, e benefícios de minha participação na pesquisa intitulada “Histórias de vida na Educação de Jovens e Adultos: como uma proposta metodológica”.

Declaro que consinto em participar, como voluntário (a) dessa pesquisa, sob a responsabilidade do pesquisador da UFBA. Declaro também que fui esclarecido (a) satisfatoriamente acerca: 1) dos instrumentos e técnicas que serão aplicadas durante a pesquisa para coleta de informações. 2) que estou livre, para a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa e que preciso apresentar uma justificativa para isso. 3) que todas as informações por mim concedidas e os resultados obtidos na pesquisa serão mantidos em completo sigilo. 4) que na publicação dos resultados dessa pesquisa, a minha identidade será mantida em sigilo. 5) que não terei qualquer benefício ou direitos financeiros sobre eventuais resultados decorrentes da pesquisa. 6) que esta pesquisa é importante para compreensão do tema científico estudado. Diante de todos os esclarecimentos acima retratados, reafirmo meu consentimento em participar dessa pesquisa.

Salvador, _____ de _____ de 2018.

Assinatura no participante

Carla Pereira dos Santos – Pesquisadora